



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

HEZROM VIEIRA COSTA LIMA

**CALEIDOSCÓPIO DE IDENTIDADES: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS E
REPRESENTAÇÕES JUVENIS NO *UNDERGROUND* CRISTÃO EM
CAMPINA GRANDE – PB.**

CAMPINA GRANDE – PB

2010

HEZROM VIEIRA COSTA LIMA

**CALEIDOSCÓPIO DE IDENTIDADES: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS E
REPRESENTAÇÕES JUVENIS NO *UNDERGROUND* CRISTÃO EM
CAMPINA GRANDE – PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura Plena em História
apresentado à Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
para obtenção do grau de graduado.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo

CAMPINA GRANDE – PB

2010

L732c

Lima, Hezrom Vieira Costa.

Caleidoscópio de Identidades [manuscrito]: Um olhar sobre as Práticas e Representações Juvenis no Underground Cristão em Campina Grande – PB. / Hezrom Vieira Costa Lima. – 2010.

61 f.: il. color.

Digitado.

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) –
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2010.**

“Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo,
Departamento de História”.

1. Cristianismo. 2. Representações Sociais. 3. Música - Rock.
I. Título.

21. ed. CDD 306.6

HEZROM VIEIRA COSTA LIMA

**CALEIDOSCÓPIO DE IDENTIDADES: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS E
REPRESENTAÇÕES JUVENIS NO UNDERGROUND CRISTÃO EM
CAMPINA GRANDE – PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura Plena em História
apresentado à Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
para obtenção do grau de graduado

Aprovado em: 06 / 12 /2010.

Patrícia Cristina de Aragão Araújo

10,0

Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo
DH/UEPB
(Orientadora)

Maria Giseuda M. Limeira

10,0

Profa. MSc. Maria Giseuda Limeira
DH/UEPB
(Examinadora)

Alberto Edvanildo Sobreira Coura

10,0

Prof. MSc. Alberto Edvanildo Coura Sobreira
DH/UEPB
(Examinador)

DEDICATÓRIA

À minha família, por me dar o apoio necessário e servir de inspiração em todos os momentos de minha vida. Meus pais Antonio e Simone, meu irmão Hamul e minha namorada Jéssica, sem os quais nada disso seria possível, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, pelo dom da vida e o livre arbítrio.

À minha namorada, Jéssica, pelo amor e apoio incomensuráveis que me servem de âncora, sem os quais este trabalho não seria possível.

Ao meu pai Antonio, pelo exemplo de retidão, justiça e caráter, além da cobrança constante para que o presente trabalho fosse concluído.

À minha mãe Simone, pelas constantes demonstrações de carinho, afeto e amor que moldaram meu caráter.

Ao meu irmão Hamul, pelo exemplo de fé e determinação que tanto me inspira e honra.

À Coordenação do Curso, especialmente na pessoa de Socorro, pela assistência prestada aos alunos com o propósito de ver o crescimento intelectual e profissional de cada um.

A minha orientadora Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo, pelo apoio durante todo o curso, e, sobretudo, no desenvolvimento desta monografia.

À Banca Examinadora, pela disponibilidade em avaliar este trabalho com o qual conquisto mais um grau na vida profissional.

Aos colegas de curso, especialmente José Tiago e Gelvano, pelo apoio e trabalhos realizados durante 4 anos de curso.

Aos membros envolvidos no meio *underground* cristão da cidade de Campina Grande, proporcionando dados que possibilitaram a realização deste trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para esta conquista promissora.

“Tanto as pessoas quanto as nações precisam livrar-se de seus preconceitos. Sinta-se falando diretamente com Deus: não leia o livro, leia sua alma; e então qualquer pequena capela ficará tão grande quanto à própria abóbada celeste.” (Ralph Waldo Emerson)

Linha de pesquisa (029.6 – Marginalidade, Conflitos e Contracultura)

LIMA, Hezrom Vieira Costa. Caleidoscópio de Identidades: Um olhar sobre as Práticas e Representações no *Underground* cristão em Campina Grande – PB. LOCAL: UEPB, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Banca Examinadora: Profa. Msc. Maria Giseuda Limeira (DH/CEDUC/UEPB)

Prof. Msc. Alberto Edvanildo Coura Sobreira
(DH/CEDUC/UEPB)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o meio *underground* cristão em Campina Grande – PB, tecendo um olhar sobre as práticas e representações dos jovens que, devido à assimilação de um novo referente cultural, no caso o *rock* cristão, outrora não existente, modificaram significativamente o cotidiano da cidade e moldaram suas identidades, divergindo daquelas impostas pelas igrejas tradicionais. Esse movimento eminentemente juvenil, em seu ápice contou com a atuação de dez bandas que serviram como forma de consolidar o cenário na cidade, além de propagar a nova ideologia que vinha surgindo com o binômio *rock/cristianismo*. Buscamos compreender também a ressignificação que estes jovens fizeram dos seus corpos, através do uso das tatuagens associadas a uma forte simbologia cristã, como meio de demonstrar a sua fé, bem como perceber a atuação da Igreja Bola de Neve e as consequências que sua ação na cidade trouxe para o dia a dia dos jovens cristãos campinenses. Para tanto usamos como referencial teórico Certeau (2009), Pesavento (2008), Hall (2006), Bauman (2004), Chartier (2002), Cuche (2002) e Sofiati (2005), dentre outros, cujos estudos foram de suma importância para a discussão acerca do que é proposto. Mediante o uso da História Oral Temática e de entrevistas realizadas com alguns membros das bandas e do *underground* como um todo, podemos definir um perfil para os indivíduos que fazem parte desse meio e inferir quais os principais preconceitos sofridos por estes e a relação entre as igrejas tradicionais e as alternativas.

Palavras-chave: *Underground*, Cristianismo, Juventude, Representação, *Rock*.

ABSTRACT

This study aims to analyze the underground Christian in Campina Grande - PB, weaving a look at the practices and attitudes of young people who, due to the assimilation of a new cultural reference, for Christian rock, once nonexistent, significantly modified the life of the city and have shaped their identities, diverging from those imposed by traditional churches. This eminently youth movement, at its peak included the performance of ten bands that served as a means of consolidating the scene in the city and spread the new ideology that had emerged with the binomial rock / Christianity. We seek also to understand the new meaning that these young people made their bodies through the use of tattoos associated with a strong Christian symbolism as a means to demonstrate their faith and to understand the role of the Bola de Neve Church and the consequences of its action in the city brought to the daily lives of young Campinense Christians. For that we use as a theoretical Certeau (2009), Pesavento (2008), Hall (2006), Bauman (2004), Chartier (2002), Cush (2002) and Sofiati (2005), among others, whose studies were of paramount importance for the discussion of what is proposed. Through the use of Thematic Oral History and interviews with some members of the bands and the underground as a whole, we can define a profile for individuals who are part of that denomination, and infer what the main prejudices suffered by them and the relationship between the traditional churches and alternatives.

Keywords: Underground, Christianity, Youth, Representation, Rock.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 –	Escolaridade.....	11
GRÁFICO 02 –	Idade.....	11
GRÁFICO 03 –	Naturalidade.....	12
GRÁFICO 04 –	Estilos.....	39

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FOTO 01	– Larry Norman.....	16
FOTO 02	– Banda <i>Stryper</i>	18
FOTO 03	– Banda <i>Antidemon</i>	19
FOTO 04	– Entrada principal da <i>Crash Church</i> , em São Paulo.....	20
FOTO 05	– Performance do Refúgio tocando ao vivo.....	26
FOTO 06	– Membros da <i>Alternative Produções</i>	31
FOTO 07	– Capa da edição de retrospectiva do ano 2006 da Revolver Magazine.....	34
FOTO 08	– Capa da edição número 15 da revista <i>Horns Up</i>	35
FOTO 09	– Tatuagem localizada no braço esquerdo de V.H.....	43
FOTO 10	– Tatuagem localizada na perna direita de T.S.....	44
FOTO 11	– Tatuagem localizada nas costas de R.A.....	44
FOTO 12	– Igreja Bola de Neve – Em Jesus nós confiamos.....	46
FOTO 13	– Púlpito da Igreja Bola de Neve localizada em Campina Grande.....	47
FOTO 14	– I Bola <i>Core</i>	49
FOTO 15	– II Bola <i>Core</i>	50

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	1
2.	MAIS DO QUE MÚSICA: UMA ANÁLISE DO <i>UNDERGROUND</i> CRISTÃO CAMPINENSE.....	15
3.	REPRESENTAÇÕES, ESTILOS E PRÁTICAS DO <i>ROCK UNDERGROUND</i> ENTRE JOVENS CRISTÃOS NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB.....	34
3.1	O <i>Rock</i> Cristão em foco na cidade de Campina Grande – PB.	34
3.2	A redescoberta da tatuagem pelos jovens cristãos.....	40
4.	Considerações Finais.....	52
	Referências.....	54
	Glossário.....	57
	Apêndice.....	60
	Anexo.....	61

1. INTRODUÇÃO

A História dentro das suas bases epistemológicas atuais foi produto de um amplo debate entre os historiadores adeptos da vertente tradicional e os que possuíam o anseio de modificar os métodos das Ciências Sociais (SIMIAND, 2003), uma vez que os antigos modelos de análise da sociedade eram deveras simplistas, consequência do seu caráter de explicação universalista das sociedades contemporâneas, no qual toda forma de confronto e/ou conflito entre atores sociais era tratada sob a ótica marxista, cujos pressupostos estavam pautados nas lutas de classes.

Vigorava também a ideia de que a História só poderia ser protagonizada por “grandes heróis nacionais”, deixando à margem todos os demais participantes do contexto histórico e social da época. Portanto, corroboramos com a ideia de Bauman, onde o autor afirma ser “[...] *improvável que qualquer modelo com base num único fator seja capaz de dar conta da complexidade do ‘mundo em que se vive’ e abranger a totalidade da experiência humana*” (BAUMAN, 2005, p.40).

Esse cenário se alterou com o fim da Segunda Guerra Mundial, que ao término deixou resquícios não apenas no âmbito militar, mas também nas instâncias econômica e política, bem como no cotidiano da sociedade, e a emergência de uma nova forma de analisar o mundo, onde estes sistemas passaram a ser denunciados, sofrendo críticas por parte de historiadores tais como: Edward Thompson, Roger Chartier, Paul Ricoeur e Carlo Ginzburg, que em seus estudos passaram a não mais sustentar uma concepção tão simplista e com caráter de verdade absoluta de (re)contar a História.

As críticas propostas pelos historiadores supracitados culminaram em uma crise neste modelo, cuja principal característica era a certeza de que tudo já estava predito, impossibilitando, assim, qualquer processo de construção do conhecimento histórico. Estas mudanças acarretaram em um movimento que se tornou conhecido nas ciências sociais como “Crise de Paradigmas”, caracterizada na descrença das formas interpretativas do real, no qual as antigas formas de verdade absoluta não mais poderiam ser sustentadas, fruto

da falência e do descrédito dos valores, anteriormente pautados no ideário iluminista de emancipação e de caráter messiânico das sociedades modernas. Conforme PESAVENTO (2008)

A historiografia nacional brasileira, no momento da crise dos paradigmas chegar ao país, no final dos anos 1980, era até então dominada por uma postura marxista de entendimento da história. Desde os tempos pioneiros de utilização dos livros de Caio Prado Jr. ou Nelson Verneck Sodré no âmbito da academia, o materialismo histórico se propunha como a postura teórica que melhor dava conta da realidade brasileira [...] (PESAVENTO, 2008, p. 10).

Dentro dessa nova abordagem histórico-metodológica surge então a Nova História Cultural. Para a consolidação desse novo campo, ainda de acordo com a autora supracitada, foram necessárias transformações no que diz respeito à epistemologia da História. Nesse contexto, um dos conceitos inseridos foi o da Representação, cuja ideia se relaciona a uma forma de transcrever o real, ou seja, uma construção imagética discursiva feita a partir deste e consolidando-se neste.

Representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença. (PESAVENTO, 2008, p. 40).

O segundo conceito a ser acrescido foi o do Imaginário. Este remete à forma como são vistas as representações dentro de um determinado período histórico, e pode ser expresso por palavras, discursos, sons, imagens e práticas sociais. Em suma, é todo o aparato ontológico que permeia a sociedade e a construção do conhecimento histórico.

Outra concepção inserida dentro desta abordagem epistemológica é o da ficção, do qual emergiu um embate teórico que tirou da História o caráter de “portadora da verdade”, tornando-a semelhante à literatura, onde ambas são passíveis de manipulação e descrevem determinada temporalidade. A questão da ficção está intrinsecamente ligada ao caráter de veracidade da História.

Por último, o conceito de sensibilidades faz-se relevante para compreender a Nova História Cultural, a qual está interligada a subjetividade

dos sujeitos, quer dizer, a maneira como estes percebem e apreendem o mundo que os circunda. De acordo com PESAVENTO (2008)

Representação e imaginário, o retorno da narrativa, a entrada em cena da ficção e a idéia das sensibilidades levam os historiadores a repensar não só as possibilidades de acesso ao passado, na reconfiguração de uma temporalidade, como colocam em evidência a *escrita* da história e a *leitura* dos textos (PESAVENTO, 2008, p.59).

Essa mudança na forma de pensar acarretou no surgimento de novas problemáticas, principalmente no tocante aos valores culturais, o que foi conceituado por BAUMAN (2004) como Modernidade Líquida. Desse modo, constantemente as sociedades se tornam mais complexas, produto da emergência de novos atores sociais, portadores de questões e interesses outrora não defendidos.

Os resultados dessas transformações são visíveis, especialmente, através das identidades juvenis, que a cada época modelam-se e tornam-se multiculturais, devido à difusão de novos ideais, propostos pelo processo de globalização, que ao tentar homogeneizar os padrões de sociedade, cria ilhas de sociabilidade contraculturais e torna as identidades cada vez menos sólidas e mais fluídas. Para a compreensão do conceito de Identidade trabalharemos a partir de Hall (2006) e nele discutiremos acerca dos três conceitos de sujeito que este enfatiza e que são: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

O primeiro sujeito, o do iluminismo, foi concebido em uma percepção de que independente das ações realizadas por este, sua identidade, ou seja, o seu núcleo permaneceria intacto, quaisquer que fossem os rumos tomados por suas decisões ou pelas influências externas que viesse a receber. Este seria segundo HALL (2006)

[...] um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (HALL, 2006, p. 11).

Para o autor, de certa forma, existia uma pré-destinação do sujeito. O mesmo iria se desenvolver durante os estágios da vida, porém sua essência continuaria exatamente idêntica a de quando ele nasceu. Já o segundo sujeito, o sociológico, foi fruto da “*crescente complexidade do mundo moderno*” (HALL, 2006, p. 11), cuja consciência estava calcada na concepção de que o núcleo interior do sujeito não era autônomo, nem autosuficiente, e que este era moldado através da interação de saberes e poderes com o meio em que vivia. A partir das mudanças ocorridas no mundo desde o século XX, especialmente a crise da modernidade, outra percepção de sujeito passou a ser difundida. Este passou a ser chamado de sujeito pós-moderno.

Na pós-modernidade as velhas identidades foram suplantadas por essa nova compreensão acerca dos sujeitos, no qual este passou a ter uma identidade fragmentada, apropriando-se não mais apenas de uma forma de ser, mas sim, das mais variadas representações, sejam elas antagônicas ou não. Assim os indivíduos passaram a ser dotados de um leque de possibilidades identitárias que se relacionam as constantes, rápidas e permanentes mudanças que ocorrem nas sociedades hodiernas.

Tendo em vista estes aspectos, o objetivo de nossa pesquisa é a discussão acerca do meio *underground* cristão campinense¹, compreendendo o período de 2000 até 2009, a partir de um olhar de ressignificação de práticas culturais, onde a apropriação de elementos musicais, anteriormente tratados como profanos, no caso, o *rock*, serve como instrumento de afirmação identitária e de criação de uma nova forma de pertencimento dos jovens que professam a fé cristã atualmente.

Mediante o conhecimento de novos referentes culturais gerou-se uma ampliação das possibilidades de escolha no que diz respeito à identidade, possibilitando aos jovens elaborar formas de identidades alternativas àquelas

¹ Utilizamos este termo para compreender a gama de estilos musicais propostos pelas bandas da cidade de Campina Grande que englobam o *Heavy Metal*, *Thrash Metal*, *Power Metal*, *New Metal*, *Hardcore* e *Pop Rock*, todos derivados de um referencial comum, o *Rock*, e que abordam a temática do Cristianismo em suas letras.

das igrejas tradicionais², que lhes eram impostas (BAUMAN, 2004), de uma forma estereotipada, como o “*crente de paletó com a bíblia embaixo do braço*” (T.L.S., 2010).

Este complexo jogo de identidades, a fluidez com que tais sujeitos transitam de uma esfera para a outra, sem, no entanto, anular qualquer uma das identidades construídas previamente (a fé cristã e o gosto musical pelo *rock*), aliados ao fator de ressignificação dos corpos, com o uso das tatuagens, que sempre foi visto de forma negativa pelos membros das igrejas tradicionais e a estruturação de um cenário, palco de diálogos, conflitos e confrontos entre cristãos conservadores, jovens cristãos com ideias novas e pessoas ligadas ao *underground* secular³ se constituem nas principais motivações que nos levaram a estudar este tema, e agregados a inexistência de estudos referentes à temática, por ser um fenômeno relativamente recente, acaba por trazer um caráter de novidade para o campo acadêmico de História no curso da Universidade Estadual da Paraíba.

Como aparato teórico optamos por um diálogo entre a História e as Ciências Sociais – esta última por ser a ciência que estuda de forma mais complexa os fenômenos presentes nas sociedades atuais. A partir disto nos propomos a debater com teóricos como Michel de Certeau (2009), utilizando os conceitos de Cotidiano; Sandra Jatahy Pesavento (2008), com as propostas de abordagem da Nova História Cultural; Stuart Hall (2006), com o conceito de Identidade; Zygmunt Bauman (2004), com a noção de Modernidade Líquida e Identidade imposta; Roger Chartier (2002), com o conceito de Representação; Denys Cuhe (2002), com a noção de Cultura no âmbito das Ciências Sociais e Flávio Sofiati (2005), com o conceito de Cultura Juvenil, dentre outros, para alcançar o objetivo proposto que é analisar o *Underground* Cristão Campinense.

² Entendemos por tradicionais as igrejas históricas e pentecostais, onde as primeiras são as denominações de vertente Presbiteriana, Batista, Metodista e Congregacional, e a segunda a denominação da Assembléia de Deus.

³ No meio religioso cristão o termo secular é designado para tudo que está fora da igreja, no caso, as práticas que não fazem parte do âmbito religioso. Este termo será utilizado durante todo o trabalho, e para melhor compreensão do termo, ver glossário.

A metodologia utilizada foi a da história oral temática. Assim nos apoiamos no que propõe XAVIER (2009), quando este afirma que a História Oral

[...] é considerada como fonte identitária de um povo, capaz de retratar as realidades, as vivências e os modos de vida de uma comunidade em cada tempo e nas suas mais variadas sociabilidades. Esse tipo de fonte não só permite a inserção do indivíduo, mas o resgata como sujeito no processo histórico produtor de histórias e feitos de seu tempo (XAVIER, 2009, p.1).

A inserção de novos ritmos musicais no cotidiano (CERTEAU, 2005) dos jovens cristãos campinenses, seja na igreja ou em outros locais apropriados para tais práticas (como casas de *shows*), a utilização do corpo como forma de expressar as suas crenças, através do uso da tatuagem associado ao seu forte caráter simbólico e a estruturação de uma cena⁴, com a proposta de difusão de suas ideias, desconstruiu os antigos paradigmas do que é “ser” cristão na contemporaneidade, outrora associados aos moldes das igrejas tradicionais e pentecostais.

Estas igrejas de vertentes tradicionais e pentecostais sempre repudiaram o *rock*, pois associavam a este estilo musical um caráter satânico, maligno e profano. No entanto esta ideia foi difundida por Raul Seixas, um roqueiro brasileiro que criou a famosa expressão “o diabo é o pai do *rock*”, que faz parte da música “*Rock do Diabo*”, presente no álbum “*Metamorfose Ambulante*” de 1988, e cujo sentido acabou adquirindo um status de veracidade e sendo incorporado ao imaginário brasileiro e ao discurso das igrejas.

Porém, ao contrário do que afirmou Raul, o *rock* teve sua origem da junção do *Blues*⁵ com o *Gospel*⁶, ambos estilos musicais criados pelos negros norte americanos, onde este último foi inventado pelos negros escravizados que tinham por objetivo tornar a sua jornada de trabalho menos dolorosa e exaustiva, cantando para amenizar seu sofrimento. Unindo ritmos africanos a fé

⁴ Entendemos por cena a junção de indivíduos que compartilham interesses em comum (no caso de Campina Grande foi a fé cristã e o gosto musical, ou seja, o *rock* e suas vertentes), e a apropriação de um lugar específico como ponto de encontro e sociabilidade destes grupos, comumente chamados por tribos urbanas, sendo essa relação de caráter indissociável.

⁵ Ver glossário.

⁶ Idem item 5.

cristã, o *gospel* se difundiu nos Estados Unidos, fixando-se na cultura deste país e servindo de base para o surgimento do *Rock'n'Roll*.

Dessa forma compartilhamos da ideologia de Chacon (1985) que afirma, “O *Rock* é, portanto, e antes de tudo, som.” (CHACON, 1985, p.7), ou seja, independente do conteúdo abordado pelas bandas em suas letras (cristianismo, satanismo, paganismo, política, entre outros), o que se faz importante para estes grupos é a identificação com o ritmo, quer seja cantando através de letras que difundam um pensamento eminentemente profano, hediondo, ou niilista, quer seja disseminando o cristianismo, o que está relacionado às crenças e a proposta de cada grupo musical.

Ressaltamos também que ao contrário do que possa parecer, o *rock* cristão não é um fenômeno novo. Este surgiu contemporâneo ao *rock* secular⁷ e teve suas primeiras bandas no final dos anos 60 e início dos anos 70, estando entre os precursores bandas como Larry Norman, *Ressurrection Band* (também conhecida como *Rez Band*), *White Cross*, *Jerusalem*, *Messiah Prophet* e o *Stryper* (LIMA, 2010, p. 25).

O *rock* cristão surgiu de uma proposta que ficou conhecida como *Jesus Moviment* (Movimento de Jesus), onde ex-*hippies* tendo se convertido ao cristianismo não abriram mão de algumas de suas práticas cotidianas, apenas se desfizeram do sexo livre e do uso das drogas. Este processo foi, de acordo com Cunha apud Lima (2010)

[...] fruto de uma estratégia de evangelismo realizada nas ruas no final dos anos 60, nos EUA, com vista a atingir a juventude. [...] Um dos resultados desta iniciativa foi o alcance do movimento hippie. Muitos se converteram e foram batizados, mas não queriam deixar de lado algumas das bases de seu estilo de vida, que consideravam compatíveis com a fé cristã: a busca pela paz, amor, realidade e vida, a rejeição do consumismo capitalista, da hipocrisia religiosa e a da cultura norte-americana. A dimensão contracultural passou a ser um componente do movimento religioso que se delineava (CUNHA apud LIMA, 2010, p. 21).

Com isto esses membros juntaram os dois mundos, aparentemente, tão antagônicos em uma única esfera, a do campo religioso. Contudo os “novos convertidos” (como são conhecidos no meio cristão) não foram absorvidos

⁷ Ver glossário.

pelas igrejas tradicionais da época, devido à resistência destes em não abandonar alguns preceitos do meio de vida *hippie*, o que gerou pontos de encontro alternativos às igrejas, entretanto com as mesmas propostas destas, como pregar o cristianismo, ler a bíblia e cantar hinos.

Esses meios alternativos de professar publicamente a fé cristã se concentravam nos mais variados locais, como praias, cafés, quadras e residência dos adeptos desta nova forma de enxergar o sagrado. A não absorção destes novos sujeitos com um ideário pós-moderno pelas igrejas tradicionais, a ampliação e o conseqüente fortalecimento destes espaços alternativos deu base e sustentação para a emergência de uma forma *underground* de encarar o cristianismo. Oriundos deste processo surgem os *Jesus Freaks*, traduzido como “Loucos de Jesus” (LIMA, 2010, p. 22).

A transformação no âmbito do sagrado foi significativa, porém, somente por volta de 1970 foi que a mídia estadunidense notou a existência desse novo segmento. “As redes de televisão começaram a notar que se tratava realmente de um ‘movimento’, e começaram a divulgar os grandes batismos feitos nas praias, as enormes reuniões de orações e os festivais de música cristã.” (LIMA, 2010, p.22).

Com um impacto cada vez maior na sociedade norte americana, as transformações eram eminentes. Conforme afirma LIMA (2010), o *Explo'72*, um festival ocorrido em 30 de Junho de 1972, foi capa da revista *Life* (que na época era de grande renome) e reuniu cerca de 150 mil pessoas para nove horas de *rock*, sendo considerado por Billy Graham⁸ um *Woodstock* religioso, contando, inclusive, com a participação do maior expoente da música *country* americana, Johnny Cash, que no momento falou ao público: “*Eu já experimentei drogas e um pouco de tudo o mais, e não há que satisfaça mais a alma do que ter o Reino de Deus sendo construído e crescendo dentro de você.*” (LIMA, 2010, p. 23). Configurando-se assim em uma aceitação por parte destas pessoas que, outrora não cristãs, após convertidas associaram completamente a sua fé com o estilo de vida que levavam anteriormente, como foi o caso supracitado de Johnny Cash.

⁸ Pregador Batista norte americano de grande renome no meio evangélico.

Decorrente a tais fatores ocorreram em larga escala os festivais denominados “*Jesus Rock*” que percorreram os Estados Unidos, contando com bandas que uniam o *rock* ao cristianismo e deram continuidade a este estilo de vida. Posteriormente essas pessoas passaram a propagar essa nova forma de vida em outros lugares, o que fez com que esse movimento tomasse dimensão não apenas nacional, mas também internacional (LIMA, 2010, p. 26).

No Brasil os primeiros indícios sobre uma forma *underground* de encarar o Cristianismo se deu através do contato com missionários estadunidenses, que mantinham relações com o Movimento de Jesus e se estabeleceram no país, visando o evangelismo dos jovens brasileiros, por métodos, consideradas na época, heterodoxos.

De acordo com LIMA (2010)

[...] Muitos vieram para o Brasil e implementaram essa nova forma de evangelizar nas ruas, praças e praias, por meio da informalidade e facilidade de adaptação inspiradas no Movimento *Hippie*. Faziam uso de apresentações teatrais, musicais, abordagens pessoais, versões das músicas originais no inglês eram preparadas em português e a guitarra e a bateria – instrumentos base para os gêneros musicais que esses grupos privilegiavam (o *rock* e a balada romântica) – passaram a ser utilizados. Esse modo jovem de cultivar, cantar e pregar passou a influenciar fortemente a juventude protestante brasileira e ampliou a presença dos movimentos paraeclesiais já existentes no país, reforçando-os e abrindo espaço para outros (LIMA, 2010, p.26).

Dentre as comunidades que adotaram essas novas práticas no Brasil, a Comunidade S8 adquiriu status de maior relevância e tinha como objetivo promover a justiça social através da inclusão e da prevenção quanto ao uso do álcool e outras drogas. Os fatores anteriormente abordados contribuíram de maneira efetiva para a formação e consolidação de um movimento *Underground* Cristão no Brasil, tendo se desenvolvido inicialmente de forma rápida e significativa, especialmente, nos estados de São Paulo e Minas Gerais, e a *posteriori* difundindo-se pelas demais regiões.

O lócus da presente pesquisa é a cidade de Campina Grande – PB. O embrião do que veio a se tornar uma cena *underground* e alternativa cristã só despertou com o contato entre moradores da cidade que já tinham um conhecimento prévio de uma forma alternativa – através da mídia, *internet* e na

rede, nos sites de relacionamento, fóruns online, dentre outras fontes, e os que já pregavam essa nova forma de viver, que ao vir morar em campina grande passaram a se relacionar uns com os outros.

Com base para um estabelecimento sólido⁹, o *Underground* Cristão Campinense (conforme é referido pelos membros do mesmo) teve como pano de fundo, conflitos e confrontos, tanto no meio cristão como no secular, conforme será abordado nos capítulos seguintes, sendo de fundamental importância os relatos orais dos envolvidos neste contexto, evitando assim o silenciamento e o esquecimento desta parte da história da cidade de Campina Grande.

A partir dos estudos de Bueno (2008, p. 1), no qual a autora afirma a importância do uso da oralidade, uma vez que “*as fontes orais permitem, de uma forma organizada, o conhecimento e compreensão de valores sociais, religiosos e educacionais, normas, comportamentos veiculados por esta oralidade*”, aliados a ótica de Silva (2010, p. 1) onde este autor explicita que “*A história narrada respeita as diferenças entre as pessoas, ela transforma todos em personagens históricos*”, entrevistamos sete jovens participantes do meio *underground* cristão, visando traçar um perfil dos sujeitos sociais que estão inseridos nesta prática cultural jovem na cidade de Campina Grande – PB.

No primeiro momento corroboramos com a ideia de GUIMARÃES E MACEDO (2009) que trabalham a cultura juvenil dentro de uma perspectiva de resignificação na contemporaneidade no qual,

O cotidiano apresenta-se como um “celeiro” onde os jovens constroem sua própria base de compreensão e entendimento social. [...] os jovens partilham as diversas maneiras de se comunicarem, assim como, os variados valores que defendem. Estes são legitimados pela convivência permanente no próprio grupo e pela transição que os jovens fazem em contextos socialmente diferentes (GUIMARÃES E MACEDO, 2009, p.7).

Desse modo poderemos perceber como os indivíduos que fazem parte do movimento *underground* campinense, apesar de estarem inseridos em contextos sociais diferentes, partilham dos mesmos interesses, valores e

⁹ Entendemos por cena sólida aquela que contenha um número significativo de bandas (duas bandas não constituem uma cena) e conte com uma frequência constante de *shows*, além de um público consumidor, na forma de álbuns, camisetas ou ingressos.

significados no sentido de consolidar e ou (re)afirmar sua identidade, bem como sua fé.

Após a coleta dos dados, percebeu-se que mais da metade dos entrevistados estão cursando alguma graduação, o que acarreta, assim, em uma seriedade maior por parte dos praticantes do movimento, que queriam transpor suas ideias ao público de forma significativa, já que dentro dos moldes da sociedade atual o conhecimento científico é extremamente valorizado, conforme pode ser percebido no gráfico a seguir:



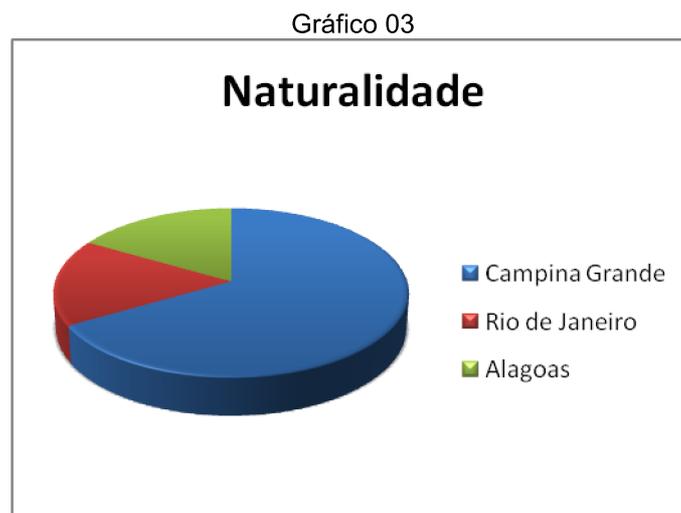
Fonte: Pesquisa realizada em campo (2010).

Apesar de nos apoiarmos na ideia de que a juventude não pode ser delimitada por uma faixa etária, já que essa questão está intrinsecamente interligada com as ações que os sujeitos desempenham dentro da sociedade, podemos notar que todos os entrevistados compreenderam a faixa etária de 15 até 31 anos. O que pode ser observado abaixo:



Fonte: Pesquisa realizada em campo (2010).

Também se compreendeu, mediante as entrevistas realizadas, que apesar da ideia originária da organização de uma cena *underground* com propostas cristãs ser oriunda de outra cidade (Recife – PE), o que será discutido com mais ênfase nos capítulos que se seguem, os membros das bandas presentes no meio *underground* de Campina Grande, em sua maioria, são naturais da mesma. O que pode ser confirmado através do gráfico a seguir:



Fonte: Pesquisa realizada em campo (2010).

O método da entrevista temática teve por objetivo, com o auxílio da memória, retratar o imaginário coletivo das pessoas que fizeram (e ainda fazem) parte do meio *Underground* Cristão Campinense e resgatar uma época da história da cidade mantendo as subjetividades que constituem os indivíduos.

Determinamos um recorte temporal de 10 anos, que compreende o período do ano 2000 até 2009, relativo à época de maior efervescência dessa prática cultural juvenil no âmago da cidade. Procuramos nos deter a uma “História do tempo Presente” (BEBIANO, 2003), uma vez que concordamos com DIHEL (2002) sob a ótica da corrosão temporal.

A memória, à medida que estiver localizada bem distante do fato, da época, do contexto tomado como objeto de pesquisa, tanto mais desgastada ela estará. [...] A este processo de desgaste podemos chamar de corrosão temporal (DIEHL, 2002, p. 118).

Embora se tenha assumido os riscos que essa “proximidade” com o objeto de estudo pode causar, apoiamo-nos na diversidade das fontes históricas presentes no período, conforme os estudos de BEBIANO (2003), que

denomina a proximidade do fato com a memória, “Memória Fria”, independentemente que ela “*tenha sido produzida no ‘calor’ do seu tempo*” (BEBIANO, 2003, p. 7). Além da oralidade, nos apropriamos de panfletos de divulgação dos *shows* ocorridos no recorte temporal delimitado, fotos e letras de músicas de algumas bandas inseridas no contexto proposto.

O procedimento metodológico desenvolveu-se na escolha dos sujeitos a serem entrevistados. Esta foi norteada com base em relatos de pessoas do meio *underground* que indicaram indivíduos importantes para a constituição deste fenômeno na cidade de Campina Grande. Feito isso a recepção da abordagem, em todos os casos, foi realizada da melhor forma possível. Os entrevistados se mostraram interessados com a temática e, inclusive, surpresos, por se tratar de um tema acadêmico envolvendo religião.

Após uma breve explanação da proposta do presente trabalho, definimos um lugar apropriado para as entrevistas, geralmente sem o trânsito intenso de pessoas, evitando assim constranger os entrevistados com a permanência dos “famosos curiosos”, que por vezes, mostraram repúdio acerca do que estavam ouvindo destes.

As entrevistas ocorreram de forma natural, com exceção de um entrevistado que não se sentiu tão a vontade com o fato de a entrevista estar sendo gravada, todos os demais “fizeram de conta que estavam tendo uma conversa informal” (assim como propomos para que ficassem mais relaxados), e dissertaram acerca do tema de uma forma bastante proveitosa.

O presente trabalho está organizado em três capítulos, o primeiro trata-se da Introdução, que visa de forma bem sucinta apresentar a temática, bem como mostrar o diálogo entre teóricos e discorrer acerca da crise de paradigmas que levou a consolidação da Nova História Cultural, fornecendo o aparato teórico metodológico para a pesquisa.

No segundo capítulo intitulado, “Mais do que música: Uma análise do *Underground* Cristão Campinense”, será discutido a inserção desta nova prática de cultura juvenil no cotidiano da sociedade campinense, traçando os passos que fizeram com que um movimento eminentemente cultural e religioso, que teve sua origem nos Estados Unidos, se desenvolvesse e influenciasse o

modo de vida destes, como também os levasse a recriar a sua identidade enquanto jovens cristãos brasileiros, disseminando-se inicialmente na região Sudeste e migrando para as demais regiões do país, como Norte e Nordeste, culminando na análise do lócus da pesquisa, a cidade de Campina Grande, além das transformações no âmbito do cotidiano da cidade, derivado das práticas de ressignificação das esferas do profano e do sagrado.

No terceiro capítulo cujo título é “Representações, Estilos e Práticas do *Rock Underground* entre jovens cristãos na cidade de Campina Grande – PB”, discutiremos em um primeiro momento as representações e estilos de bandas presentes no meio *underground* cristão da cidade, suas representações, os jovens que se adequaram a esta forma de vida e as práticas que modificaram o cotidiano da cidade; e em um segundo momento discutiremos a ressignificação do corpo, por parte de alguns jovens participantes deste meio *underground*, que se apropriaram da tatuagem visando estabelecer um contato com o Sagrado através do seu corpo. E por fim, no terceiro momento, analisaremos a inserção da Igreja Bola de Neve na cidade e como sua proposta atraiu um público jovem que busca outras formas para louvar a Deus, através da criação de eventos, como o Bola Core, cujas atrações principais são bandas de *rock* cristão, e a prática da arte marcial do *Jiu Jitsu* dentro do templo, no horário que não estão sendo realizados cultos.

2. MAIS DO QUE MÚSICA: UMA ANÁLISE DO *UNDERGROUND* CRISTÃO CAMPINENSE

Conforme foi mencionado no capítulo introdutório, o projeto do que veio a se tornar o movimento (ou movimentos) *underground* cristão no Brasil, originou-se da migração de missionários estadunidenses que vieram para o Brasil com o intuito de disseminar a fé cristã no país. Influenciados pelo modo de vida *hippie*, estes assimilaram algumas práticas do estilo anterior e criaram, assim, um cristianismo alternativo ao existente, abrindo mão apenas do uso das drogas e do sexo livre. A divulgação de suas ideias perpassava desde abordagens mais simples, como o “corpo a corpo”, até métodos inovadores, tais quais peças teatrais e musicais em locais públicos como praças e praias, promovendo o diálogo e a inserção dos jovens no meio.

Essa participação de um público majoritariamente juvenil facilitou a assimilação de uma nova forma de contato com o sagrado – o *Rock/Metal*¹⁰ Cristão. Ainda de acordo com o que foi dito no capítulo anterior, o *rock* cristão teve seu surgimento contemporâneo ao *rock* secular, vindo a tona nos Estados Unidos no final da década de 60 e começo dos anos 70, e tendo como precursores, Larry Norman e as já referidas bandas, *White Cross*, *Jerusalem*, e *Stryper*.

Larry Norman foi considerado o “pai” do *Rock* Cristão, já que o seu pioneirismo em abordar a temática cristã no *Rock'n'Roll* abriu as portas para que outros artistas também o fizessem. Começou sua carreira solo após sair da banda *People!*, lançando seu primeiro álbum em 1969, cujo título era “I wish we'd all been ready” (Eu gostaria que todos estivessem prontos), porém foi em 1972, que Larry lançou um álbum que entraria para a história do *Rock* Cristão, intitulado, “*Why should the devil have all the good music?*” (Por que o diabo tem que ficar com toda a música boa?):

They say “rock’n’roll is wrong”, we’ll give you one more chance / I say, “I feel so good I’ve gotta get up and dance”. / I know what’s right, I know what’s wrong, I don’t confuse it / All I’m really trying to say is “why should the devil have all the good music?” – [Eles dizem “o

¹⁰ Ver glossário.

Rock'n'Roll é errado”, nós vamos lhe dar mais uma chance / Eu digo ‘Eu me sinto tão bem que eu tenho que me levantar e dançar’. / Eu sei o que é certo, eu sei o que é errado, eu não confundo isso / Tudo o que eu realmente estou tentando dizer é “Por que o diabo tem toda a música boa?”] (NORMAN, *Why should the devil have all the good music?*, 1972)

Podemos perceber a crítica que Larry faz da associação direta entre o *rock* e o satanismo, além de abordar também o preconceito sofrido por parte dos cristãos que ousaram adentrar nesse novo estilo que surgira, conforme percebemos na representação que Larry usava, como os cabelos longos, e barba, ou seja, não era apenas a proposta sonora que estava sendo modificada no âmbito cristão, mas também a estética. O que pode ser observado com mais clareza na imagem abaixo:

Foto 01



Larry Norman

Fonte: <http://www.larrynorman.com>, acesso em 17/11/2010

Ganhando certa visibilidade através do festival Explo 72, Norman divulgou suas ideias e ganhou novos fãs tanto no meio cristão como no secular. Apesar disso, o *rock* cristão ainda continuou sendo visto e associado a um caráter maligno, quer seja pelas igrejas tradicionais ou pelo meio secular.

Em 1973, uma banda inglesa chamada *Argent*, que tocava *Hard Rock*¹¹ com influência de *Rock Progressivo*¹², gravou uma música intitulada, “*God gave rock’n’roll to you*” (Deus deu o *rock’n’roll* para você), sendo regravada em 1977

¹¹ Ver glossário.

¹² Idem item 11.

por uma banda cristã de *Hard Rock*, o *Petra*, que foi fundada em 1973 e continuou ativa até 2005, cuja letra dizia:

God gave rock and roll to you / Gave rock and roll to you / Put it in the soul of everyone – [Deus te deu o rock'n'roll / Te deu o rock'n'roll / Coloque isso na alma de todos] (ARGENT, *God gave rock'n'roll to you*, 1973)

Essa letra transformou a forma como a sociedade via o *Rock'n'Roll*, sendo, inclusive, regravada pela banda *KISS*¹³ em 1992, para o álbum *Revenge*. Nessa versão o título original foi mantido, porém, a letra sofreu algumas alterações para se tornar mais acessível ao “meio de vida *rock'n'roll*” da banda, conforme podemos analisar na letra abaixo.

You don't have money or a fancy car / And you're tired of wishing on a falling star / You gotta put your faith in a loud guitar [Você não tem dinheiro ou um carro bacana / E você está cansado de desejar a uma estrela cadente / Você deve por sua fé em numa guitarra em alto volume] (*KISS, Revenge*, 1992)

Outra transformação no *Rock* mundial culminou da emergência da banda *Stryper*, surgida em 1983, com o nome de *Roxx Regime*, que tinha em sua formação o guitarrista C.C. Deville da, também estadunidense, *Poison*¹⁴. Após uma conversão dos membros para o cristianismo, os mesmos decidiram reescrever as letras do seu primeiro álbum *Demo*¹⁵ “*The yellow and black attack!*” (O ataque do amarelo e preto!), lançada em 1983 cujo intuito era refletir acerca da fé dos membros.

Estes decidiram então mudar o nome da banda para *Stryper*, que significa “listras”, em referência as roupas adotadas pela banda, sempre com listras em amarelo e preto, o que se tornou uma característica marcante. A banda ganhou notoriedade, devido ao seu caráter proselitista, uma vez que tinham a prática, nada convencional, de atirar literalmente, bíblias, especificamente versões do novo testamento, com adesivos da banda para a plateia durante os *shows*.

¹³ Banda de *Hard Rock* dos Estados Unidos, formada em 1973, na cidade de Nova Iorque, que ficou conhecida mundialmente por suas maquiagens, e por seus concertos muito elaborados e até exagerados que incluem guitarras esfumaçantes, cuspir fogo e sangue, pirotecnias e muito mais.

¹⁴ Formada nos anos 80, é considerada a banda expoente do *Glam Metal*.

¹⁵ Ver glossário

Inovando tanto no estilo tocado, no caso o *Hard Rock*, como na questão estética, o *Stryper* conseguiu se consagrar como o maior expoente do *Rock/Metal* cristão. O caráter inovador da banda, principalmente no que diz respeito a estética, pode ser observado na imagem abaixo, cujas listras nas cores amarela e preta fazem menção direta ao nome.

Foto 02



Banda Stryper

Fonte: www.metal-archives.com, acesso em 17/11/2010

Mediante o estilo de música que eles tocavam, a banda aderiu a um visual *Glam*¹⁶, o que acarretou em outra transformação nas práticas de representação (CHARTIER, 2002) dos sujeitos sociais, que possuíam a fé cristã e optaram pelo *rock/metal* como forma de vida.

No Brasil a chegada de novos referentes culturais, no caso, os missionários estadunidenses, que sofreram forte influência desta nova geração de cristãos alternativos, também gerou frutos, dos quais fizeram surgir ministérios. Dentre os que são de extrema relevância para o presente trabalho estão: Vencedores por Cristo, Comunidade S8, Caverna do Adulão, *Crash Church* (antigo Ministério Zadoque) e a Igreja Bola de Neve.

Entendemos que é de grande importância para a compreensão do meio Underground em Campina Grande, relatar como se deu o surgimento de pelo menos dois destes ministérios, a *Crash Church* e a Bola de Neve, já que foram

¹⁶ Ver glossário

de grande relevância para a solidificação desta nova forma de manifestação juvenil na cidade.

A *Crash Church* (antigo Ministério Zadoque), surgiu em meados de 1998, quando o Pastor Batista, dotado de um sentimento de rejeição pelos costumes das igrejas tradicionais - já que possuía os cabelos compridos, seu corpo coberto com tatuagens e era membro de uma banda de *Death/Grind*¹⁷, assumindo o posto de vocalista/baixista, resolveu fundar uma igreja que tinha por objetivo acolher aqueles que possuem o mesmo gosto musical e uma estética semelhante à dele e não conseguiam se inserir dentro dos moldes tradicionalistas das igrejas, bem como abrir mão do metal, enquanto estilo musical, para seguir aos preceitos religiosos.

Foto 03



Banda *Antidemon* (da esquerda para a direita: Maurício [guitarrista], Juliana [baterista] e Pr. Batista [baixo/vocal])

Fonte: www.metal-archives.com, acesso em 17/11/2010

Dessa forma corroboramos com a ideia de SAAD (2008), onde esta demonstra que a falta de diálogo, e certa incompreensão dos membros mais antigos pelo modo de vida adotado pelos jovens, faz com que estes busquem estratégias (CERTEAU, 2009) para que sua fé seja mantida.

¹⁷ Junção de dois estilos de música extrema, o *Death Metal* e o *Grindcore*. Para a melhor compreensão sugerimos ver o glossário.

Nas religiões tradicionais, a presença da juventude se concentra em grupos específicos destinados a eles, dentro de um contexto geral. É o caso, por exemplo, da Igreja Católica e a Pastoral da Juventude. Já entre os evangélicos, as tribos urbanas - seja do surf, do skate, do metal ou do hiphop - estão em busca de uma fé que fale a sua língua. Para pertencer a um grupo com o qual se identificam, alguns acabam até mesmo fundando suas próprias igrejas (SAAD, 2008, S/P).

Essa visível negação à identidade imposta (BAUMAN, 2004) pelas igrejas tradicionais, corrobora com a tese de HALL (2006), no qual os sujeitos, após a emergência da modernidade, tendem a absorver uma multiplicidade de identidades que lhe são colocadas ao alcance e buscam formas de se adaptar e de adaptá-las, nesse caso através da (re)criação de modos alternativos de propagar a fé cristã, com a fusão de elementos da cultura *rock/metal* com a religiosidade evangélica.

O estilo diferente que a *Crash Church* possui pode ser visualmente percebido a partir da sua própria estrutura física. A adoção de símbolos que remetem a cultura *Rock/Heavy Metal*¹⁸, como a cor preta encontram-se difundidos por todo o ambiente de culto, desde a entrada até os lugares comuns dentro da igreja. A união de todos esses fatores fez com que o antigo “Ministério Zadoque” (atual *Crash Church*) se tornasse o maior expoente dentro do cristianismo *Underground* na cena brasileira.

Foto 04



Entrada principal da *Crash Church*, em São Paulo
Fonte: www.crashchurch.com, acesso em 17/11/2010

¹⁸ O conceito de *Heavy Metal* se encontra no glossário.

A assimilação de elementos da cultura *Rock/Heavy Metal*, como a adoção de desenhos tribais¹⁹, bastante presente em tatuagens, e a predominância da cor preta fazem alusão ao poder que os símbolos de uma determinada cultura exercem sobre seus seguidores (BOURDIER, 2006), o que levou esta igreja a possuir um diferencial entre as demais, e fez com que a sua proposta simbólica se tornasse reconhecível por parte de pessoas envolvidas no meio *underground* ou despertasse a curiosidade daqueles que estão inseridos dentro de outro contexto.

A proposta de uma inserção de elementos contraculturais associados ao *Rock/Metal* na esfera do sagrado pela igreja, não se deu apenas na forma visual. O pastor, Carlos Batista, sua esposa, Juliana Batista, e o guitarrista Maurício, formaram a banda *Antidemon*²⁰, configurando-se assim em um *Power Trio*²¹, fazendo uso de vocais guturais²², bateria rápida, guitarra pesada e letras com a temática voltada para a fé cristã, batalha espiritual e problemas com álcool e drogas.

Uma característica que é intrínseca ao meio *underground* é a questão da sinceridade, do inglês *stay true* (mantenha-se verdadeiro/real), ou seja, aqueles que adentram a esta cultura motivados pelo modismo, não são vistos com bons olhos pelos demais participantes do meio, sendo considerados “*posers*” ou “falsos”. Neste círculo, para que um indivíduo possa ser considerado “verdadeiro” ou “real” pelos demais, precisa “viver” aquele modo de vida.

Percebemos que esta é uma condição que também se faz presente no *underground* cristão, conforme pode ser percebido pelos adeptos, uma vez que estes negam a identidade imposta pelas igrejas tradicionais e ressignificam alguns preceitos de determinado estilo musical e os associam com sua fé cristã.

¹⁹ Desenhos relativos a tribos que marcavam seus corpos, geralmente são símbolos advindos das culturas indígenas da América pré-colombiana, como Maia, Inca, Astecas, Sioux e Apache.

²⁰ Formada em 1994 e conforme o nome explicitamente sugere (“*anti*” de negação e “*demon*” de demônio) demonstra a proposta lírica da banda. Membros do meio consideram esta a banda de maior notoriedade e respeito no cenário *underground* cristão no Brasil.

²¹ Ver glossário.

²² Técnica de vocal que produz um som rouco, grave e profundo, que é obtido através do apoio diafragmático.

Este duplo binômio de associação-negação presente no *underground* cristão toma forma quando os sujeitos sociais envolvidos nessa prática cultural juvenil recusam o caráter “quadrado” do ser cristão tradicional e agregam o estilo de vida de determinada contracultura, ao mesmo tempo em que negam a relação secular/profana deste estilo, associando-a ao cristianismo.

Em 2000, antes mesmo de uma “unificação” da cena *underground*, pois anterior a esse período o que havia em Campina Grande era uma gama de bandas atuando isoladamente, já existiam pessoas envolvidas em grupos que tocavam *rock* e professavam a fé cristã. Conforme afirma um dos entrevistados, **T.R.L.**

Existia uma banda na época chamada Arsenal, só que esse grupo era basicamente um grupo de louvor que tocava algumas músicas de *pop rock covers* de bandas como Oficina G3, Katsbarnea [...] e isso era o mais próximo que tínhamos do *underground* aqui no ano de 2000 (T.R.L., 2010)

Percebe-se que apesar da existência de um grupo cristão que tocava *pop rock*²³ na cidade, este não podia ser considerado uma banda, já que de acordo com a afirmação do entrevistado, “*era basicamente um grupo de louvor que tocava algumas músicas pop rock covers*”. O fato de eles serem um grupo de louvor os tornava, de certa forma, “presos” à igreja, já que eles poderiam apenas tocar em eventos organizados por evangélicos, que tinham como alvo um público também dessa denominação.

Esse cenário só veio a se transformar quando alguns jovens da cidade se converteram ao cristianismo e passaram a associar algumas práticas que possuíam antes da conversão com a recente fé, como foi o caso da associação ao *rock*. Ainda segundo **T.R.L.**

Logo que me converti ao cristianismo no final do ano 2000, encontrei com alguns amigos metaleiros que já tocavam em bandas seculares e que eram recém convertidos também (J. e V.H.), daí, como éramos apaixonados por música começamos a orar para montarmos a nossa [...]. Dessa reunião, eles formaram a “Refúgio”, a qual foi a primeira banda de *Metal* cristão de Campina Grande”. (T.R.L., 2010)

²³ Ver glossário

Desse modo, compreendemos então o caráter pós-moderno da identidade proposto por HALL (2006), uma vez que os jovens novos convertidos, como são conhecidos no meio cristão religioso, passaram a unir duas esferas, a do campo religioso, com a conversão/adoção da fé cristã e a do campo secular, no caso, a música. Transformando as representações (CHARTIER, 2002), do ser cristão, e modificando assim o cotidiano (CERTEAU, 2009) da cidade.

Resultante dessas modificações começou a se desenvolver nas instituições religiosas, principalmente de vertente evangélica, uma relação de força, onde de um lado se encontravam os membros e líderes mais antigos que não apoiavam tais práticas culturais juvenis, e do outro, os jovens que não achavam incoerente unir dois meios considerados tão antagônicos. Porém, ao invés dos jovens se sentirem enfraquecidos o processo foi inverso e o número de bandas e adeptos desta prática começou a crescer no meio cristão. Assim as igrejas ficaram a margem deste processo, pois não estavam prontas para receber e dar o apoio necessário a estes.

Como os jovens que inauguraram tal segmento no âmbito cristão de Campina Grande foram em sua maioria novos convertidos, já havia certo costume em relação a estruturação de uma cena musical, foi então necessário a organização de um cenário com bandas cristãs em Campina Grande, para que mais pessoas passassem a conhecer essa prática sem, necessariamente, precisar frequentar alguma igreja. Conforme afirma **T.R.L.**

Fiz parte do grupo que inaugurou a cena *Hardcore* em Campina Grande, o *Red Sea*, que foi formado no início de 2001 e permaneceu até o final de 2004. Tocávamos um *hardcore* simples (*Old School*), até porque não tínhamos experiência musical e éramos na maioria jovens de 17 anos de idade. Esse meu primeiro grupo foi muito importante para a divulgação do *hardcore* e principalmente para romper com alguns preconceitos ao estilo musical (T.R.L., 2010).

Ancoramo-nos na percepção de **R.F.C.** em que ele apresenta “três fases do movimento *underground* cristão campinense”, onde a banda *Red Sea* se tornou precursora no cenário de bandas *undergrounds* com uma proposta cristã na cidade, sendo, até mesmo, considerada pelos participantes deste meio como “o maior expoente do cenário *underground* cristão em Campina

Grande” (LIMA, 2010, p. 30). Esta tocou em vários estados do Nordeste, mantendo assim uma comunicação com membros de bandas de outras cidades e estados que fazem uso da mesma proposta sonora e ideológica.

Concomitantemente a atuação das duas bandas precursoras do *underground* cristão em Campina Grande – *Red Sea* e *Refúgio*, aumentava o número de adeptos deste movimento cultural juvenil, bem como era impulsionado o surgimento de outras bandas *undergrounds* cristãs no cenário brasileiro, ou, mais especificamente, campinense. A banda Refúgio, motivada por um referencial cultural diferenciado, calçou sua proposta sonora no *Heavy Metal* tradicional e veio a ganhar notoriedade no cenário por possuir um caráter de proselitismo.

Em todos os *shows* que a banda tocava, determinados momentos eram reservados a pregação e ao discurso acerca da fé que os membros possuíam. Um dos guitarristas (J.) pegava uma bíblia, ainda com sua guitarra ao lado, posicionava-se perante o público e começava a pregar e falar da sua conversão ao cristianismo, de modo a incentivar os jovens que frequentavam os *shows* a se manterem firmes dentro de seus preceitos – um fator que é importante ressaltar diz respeito ao fato de que os jovens que adentram neste meio *underground* são, em sua maioria, novos convertidos, e em alguns casos (como o dos membros fundadores da banda Refúgio), já possuíam bandas de *rock*, mas com propostas diferentes do cristianismo. E conforme relata o guitarrista em seus discursos, “é possível sim manter o gosto musical pelo *rock* e associar a fé cristã, sem prejudicar nenhum dos lados” (J. 2005).

O peso das guitarras do *Heavy Metal* aliados a fé cristã fez com que a banda se destacasse no cenário. Esta conseguia que o público, dentre eles cristãos e não cristãos, cantassem juntos suas músicas durante os *shows* e se entregassem aos momentos de adoração, ao som do *Rock’n’Roll*. A todo o momento os elementos sagrados eram retomados nas letras das músicas, como podemos perceber em “*A Marca da Dor*”, gravada em 2003, para o álbum *Demo* auto-intitulado:

A terra tremeu / O céu escureceu / O véu se rasgou / Todo profeta chorou / Quando todos pensavam ‘está perdido’ / Ele ressuscitou / [...]

/ Uma morte estranha / O céu estrelado / Os profetas falavam de um
alguém / Que iria dentre nós / [...] / E por nossos pecados iria sofrer /
A marca da dor.
(REFÚGIO, A Marca da Dor, 2003)

Essa nova forma de culto, através do *rock*, começou a ganhar mais visibilidade, principalmente, a partir do ano de 2003, uma vez que em toda última sexta feira de cada mês, a Praça da Bandeira, localizada no centro da cidade de Campina Grande, era cedida para a realização de *shows*, tornando-se o lugar de maior efervescência, sociabilidade e popularidade no meio juvenil e congregando os alunos tanto dos colégios mais próximos, como Damas, Alfredo Dantas e Motiva, até os relativamente distantes, como o Monte Sião, Pró-Saúde, Hipócrates, 11 de Outubro, C.D.F., N.D.I. e Alternativo. Dentre as bandas que se destacavam nos *shows* estava a Refúgio.

Nesse dia, a praça da bandeira ficava, literalmente, pequena, devido ao número considerável de estudantes que ali se faziam presentes. Estar nesse local trazia aos jovens um sentimento de pertencimento a determinado grupo, além de facilitar as práticas de sociabilidade, bem como promover o encontro entre bandas (que possuíam novas propostas musicais e ideológicas) com o público. A escolha da sexta feira se deu por ser o dia em que os estudantes estavam “livres” das atividades escolares e dessa forma poderiam participar mais ativamente dessa manifestação cultural.

A presença constante da banda Refúgio na praça da bandeira, às sextas feiras, foi de extrema relevância para a divulgação desta. Nesse sentido, todos os jovens que participavam dos *shows* tornaram-se propagadores da banda que pouco a pouco galgava lugares e reconhecimento no cenário musical de Campina Grande e, mais especificamente, no meio *underground* cristão. Além do mais, esses jovens difundiam a nova proposta de associação entre o *rock* e o cristianismo, mostrando que não era preciso abrir mão do gosto musical e da estética - por vezes repreendida por uma sociedade acostumada a estigmatizar os que são diferentes, para adorar e se manifestar enquanto cristãos.

A seguir visualizamos um show realizado pela banda refúgio no SESC centro de Campina Grande, no qual a mesma comemorava três anos de

formação e conseguiu, como sempre, atrair um grande público, para louvar ao som do *Heavy Metal*.

Foto 05



Performance do Refúgio tocando ao vivo.
Fonte: Arquivo pessoal.

É perceptível através do visual adotado pela banda, como cabelos compridos e barba longa, roupas pretas, jaqueta de couro e bandana, elementos presentes na cultura *Heavy Metal*. Essa completa assimilação, tanto estética como musical fez com que o grupo se tornasse conhecido na cidade e influenciasse toda uma nova geração de bandas que vieram a surgir no cenário *underground* cristão de Campina Grande.

O crescimento de bandas neste cenário era visível. Em 2003, apenas dois anos após o surgimento da primeira banda – *Red Sea*, a cena *underground* cristã campinense já agregava ao seu cenário mais duas bandas de *Metal*, *Adiastasia (Power Metal²⁴)* e *Saltério (Heavy Metal)*. Ambas fortaleceram o cenário e impulsionaram este movimento cultural juvenil, contribuindo para a cultura metálica na cidade, já que esta tem, na forma de contracultura, uma grande quantidade de bandas de *Metal* (em todas as suas variações de gêneros) e possui um público considerável de adeptos desta forma de vida.

A procriação de novas bandas no cenário e a inserção de novos jovens no âmbito das igrejas tradicionais, mantendo visualmente o modo de vida

²⁴ Ver glossário.

rock'n'roll, causou uma transformação na esfera das instituições religiosas, pois estas não estavam preparadas para a absorção de jovens que fossem de contra aos ditames pregados pelo tradicionalismo.

Esse sentimento de incompreensão e, de certa forma, repulsa pelo modo de vida dos jovens, por parte dos membros mais antigos/tradicionais, fez com que estes se sentissem dispersos e “diferentes” dos costumes da igreja, sendo persuadidos pelos membros de que as suas antigas práticas (como o *rock* por exemplo) não eram benéficas para esta nova vida.

Podemos inferir isto no próprio discurso dos entrevistados, como explícita **R.F.C.** em seu relato:

A Igreja Tradicional? Bem, eles repudiam né? Na sua grande maioria, eles dizem que apóiam, né? ‘venham pra cá, fique a vontade’ Mas, quando você vai no seu caminhar, você vai ver que sua vestimenta, o seu visual não é aceitável. Não é aceitável de forma nenhuma, né? Você termina sendo [...] aos pouquinhos sendo expulso. Ou você se enquadra no que a igreja propõe pra você, a igreja tradicional ou você termina sendo posto pra fora (R.F.C., 2010).

E confirma **T.R.L.**

Minha relação com os cristãos tradicionais sempre foi boa, pois sempre busquei ignorar as críticas e dar um bom testemunho levando e apoiando jovens nas igrejas em que frequentei. Sempre sofri preconceitos e acho que sempre sofri por possuir tatuagens bastante visíveis (T.R.L., 2010).

Tais atitudes causaram certo descontentamento por parte dos jovens que se sentiram inconformados por serem mal vistos pelos seus irmãos de fé, apenas por serem esteticamente diferentes, embora mantivessem a mesma conduta no dia a dia que aqueles. No relato dos entrevistados percebe-se que a maioria destes sofreu de uma forma, ou de outra, preconceito e se sentiam incompreendidos pelos membros das igrejas tradicionais, seja pela vestimenta, o cabelo grande, os adornos (brincos, alargadores) ou as visíveis tatuagens.

Conforme relatam **T.R.L.** “*Sempre sofri preconceitos e acho que sempre sofri por possuir tatuagens bastante visíveis*” (T.R.L., 2010), **R.F.C.** “*E com certeza já fui desrespeitado, por gostar de um som não aceitável pela igreja, não é? E pessoas próximas de mim também já*” (R.F.C., 2010) e **R.A.:**

Minha relação com cristãos ditos tradicionais é uma relação tranquila. Haja visto que os encaro de forma respeitosa. Há anos atrás sofri bastante com o preconceito destes cristãos, no tocante ao meu cabelo que era comprido. Hoje tenho parte do meu corpo tatuada e uso alargadores. O preconceito de tais pessoas não diminuiu, mas não me intimido pela falta de conhecimento nesta área de tais cristãos (R.A., 2010).

O processo que gerou a primeira união do *Underground* aconteceu em 2001, quando os jovens se reuniram e organizaram o primeiro *show*, como relata **T.R.L.**

Então montamos o primeiro festival de bandas cristãs *underground* que foi realizado no meio do ano de 2001, no Colégio Estadual da Prata. Aquele *show* talvez tenha sido o mais importante para o *underground* cristão em Campina Grande nesses 10 anos (T.R.L., 2010).

A primeira fase do *Underground* cristão em Campina Grande teve como marco o fim da banda *Red Sea*, quando o, então baixista, Samuray, deixou a cidade para morar em Brasília, passando posteriormente a assumir o cargo de baixista na banda de *Thrash Metal*²⁵, *Soul Factor* (oriunda de Goiás, mas tem seus membros atualmente no Distrito Federal).

Esse cenário de incompreensão pelo tradicionalismo e inconformismo com a brutal relação de força que as igrejas exerciam sobre a fé dos jovens, serviu como base para a organização de comunidades que tinham como preceito a incorporação desses jovens que não são aceitos ou vistos com bons olhos pelos membros das igrejas tradicionais, e que, principalmente, aceitam estes como são, sem forçar uma mudança radical, nem impor-lhes determinada identidade.

A segunda fase foi inaugurada por um grupo cristão juvenil da cidade, que motivados pelos fatores supracitados, organizaram o que seria a primeira demonstração de uma cena *underground* cristã em Campina Grande, conforme narra **R.F.C.** “derivou da necessidade de pessoas cristãs que não aguentavam mais viver num estilo tradicional das igrejas que tinham aqui em Campina Grande”, (R.F.C., 2010).

Esses jovens foram “[...] se juntando, foram conversando, foi surgindo a idéia de fazer algo diferente” (R.F.C., 2010), desde então mantiveram contato

²⁵ Ver glossário.

com algumas pessoas provenientes da cidade de Recife – PE, que vieram para a cidade de Campina Grande com o intuito de criar um grupo semelhante ao já existente na cidade natal destes, os *Skatistas de Cristo*²⁶.

O resultado disso foi o surgimento do “Ministério Doze Tribos” que segundo RFC, veio à tona a partir da necessidade de

[...] algumas pessoas que já tinham banda ou tinham vontade de fazer bandas [...], com intuito de fazer o que é bom, né? Levar o bem, levar a palavra de Cristo, né? Para aquele pessoal que nunca ouviram falar de tal Palavra (R.F.C., 2010).

Questionado sobre como entrou no meio, ainda o mesmo entrevistado explica

Ah, eu era [...] Amigo de algumas dessas pessoas, né? [...] aceitei o Evangelho de Jesus, não é? Em torno de 2002, e me juntei com essas pessoas. Pra fazer o que eu acreditava que seria o bem, né? Para levar a Palavra de Deus [...] sem ta rotulado a determinado estilo (R.F.C., 2010).

Sobre a proposta do grupo, **R.F.C.** ressalta

Então a gente fazia um trabalho de ação social, inicialmente, né? Que era levar alimento para pessoas que não tinham o que comer [...] Cada um seguindo o seu meio. Então dentro desse grupo mesmo de 12 Tribos, havia a área de *Rock*, área de *Skate*, área de *Capoeira* e a área de ação social. Então, cada um se encaixava naquilo que achava melhor.” (R.F.C., 2010)

O Ministério Doze Tribos, ou, as 12 Tribos, como é mais conhecido no meio, “*organizou um movimento chamado de Rock Cristão Campina, mais conhecido pela sigla RCC*” (LIMA, 2010), que tinha como proposta unir jovens cristãos da cidade que compartilhavam este gosto musical e/ou que tinham bandas. Derivado dessa tática foi organizado, em 2004, o I *Rock Tribos*, contando com a presença da banda paulistana *Antidemon*, evento que ocorreu no GRESB (Grêmio Recreativo São Braz) em Campina Grande.

O cenário *underground* cristão campinense passou a se posicionar então, dentre os mais conhecidos. O ato de trazer para tocar na cidade a banda de maior renome e influência no cenário *underground* cristão nacional

²⁶ Grupo de jovens praticantes do skate que saem em peregrinação, passando pelas pistas de *skate* pregando o cristianismo para os demais adeptos dessa prática. No Estado norte americano da Califórnia, em 2005, foi fundada a *Church Christian Skaters* (Igreja dos Skatistas Cristãos). Tendo inclusive várias células em países como África do Sul, Jamaica, El Salvador, dentre outros.

deu maior crédito e visibilidade à cena campinense, tanto no âmbito *underground* secular quanto para as igrejas tradicionais da cidade.

O Ministério 12 Tribos mantinha-se fiel a sua proposta e no ano seguinte, 2005, trouxe para a cidade outra banda de renome, o Trino²⁷. O evento contou com a participação, além da já citada banda capixaba, dos pessoenses do *Lamed Resh (Hardcore)* e bandas locais como *Hierozyne (New Metal*²⁸), Refúgio e *Adiastasia*.

A partir da inserção e da consolidação deste *underground* cristão na cidade de Campina Grande, o cotidiano da mesma começou a se alterar, o número de jovens que começaram a participar do meio aumentou significativamente, suas práticas e representações, camisa de bandas, cabelos compridos, brincos, tatuagens, conviviam com suas práticas de fé, orar, ler a bíblia, não consumir drogas ou álcool. Configurando-se assim identidades pós-modernas desses sujeitos, já que estas conviviam pacificamente, sem necessidade de anulação de uma por outra.

As ações das bandas presentes no *underground* cristão campinense são relatadas por **R.A.**

Campina Grande é uma cidade onde o consumo de drogas tem crescido consideravelmente, digo, em longa escala. Acredito que com o avanço das bandas que propagam uma mensagem positiva e com valores cristãos, é de extrema importância para a conscientização dos jovens da cidade (R.A., 2010).

A terceira fase tem início no ano de 2006, quando alguns membros das 12 Tribos decidem diluir este ministério e juntam-se com outras pessoas também envolvidas no *underground* cristão da cidade para criar a *Alternative Produções*, que teve como norte a realização de *shows undergrounds* cristãos na cidade, além de apoiar as bandas, que na época atingiram o número de dez, englobando desde as baladas *Pop-Rock* até o som extremo do *Thrash Metal*. Pode-se perceber essa variação de estilos musicais com as representações que os jovens fazem de si, desde o uso de bonés, barbas,

²⁷ *Power Trio* que se tornou famoso por sua postura extremista, já que denuncia em suas letras o racismo, a política brasileira e os males da religião institucionalizada.

²⁸ Ver glossário.

cabelos longos, brincos dentre outros acessórios que são referentes aos estilos supracitados, na imagem abaixo:

Foto 06



Membros da *Alternative* Produções
Fonte: Arquivo pessoal.

Com uma cena fortalecida e em constante caráter de ampliação, o *Underground* cristão necessitava de algo mais “profissional” (T.R.L., 2010), produto do crescente número de bandas e a inserção de novos adeptos a esta prática cultural juvenil. Um fator que foi considerado relevante pelos membros da produtora foi a falta de experiência das bandas, conforme relata T.R.L. “Tínhamos em torno de 8 bandas cristãs na cidade, sendo que, pelo menos, cinco eram sem experiência de palco”. (T.R.L., 2010).

A produtora então passou a ser necessária para a manutenção da cena *underground* cristã na cidade de Campina Grande que vinha sofrendo transformações como afirma T.R.L.

A *Alternative* produções surgiu em meio a uma ‘baixa’ de *shows*, divisão de grupos e estilos musicais. Principalmente por uma necessidade de organização, talvez até de uma ‘profissionalização’ das bandas (T.R.L., 2010).

Após reunir as pessoas que iriam se envolver direta ou indiretamente com a produtora – na organização dos *shows*, elaboração de *flyers* ou apenas

como suporte, os membros da *Alternative* decidiram fazer um *show* de inauguração, cujo local escolhido foi a quadra do Colégio Monte Sião, ainda no ano de 2006. Esta escola foi a primeira instituição cristã a dar alguma forma de apoio aos membros do *Underground* cristão de Campina Grande.

A frequência dos *shows* aumentou, sendo necessário migrar para um lugar com uma localização melhor, uma vez que antes os *shows* ocorriam com maior frequência no GRESB, o local escolhido foi o CUCA (Centro Universitário de Cultura e Arte) dando uma visibilidade melhor para os eventos, como afirma **T.R.L.**

[...] conseguimos tornar um ambiente como o CUCA quase como um "templo" de shows cristãos. Sempre que as pessoas sabiam que tinha show de *rock* no CUCA, diziam logo que era um show cristão (T.R.L., 2010).

A cena *underground* cristã de Campina vivia então seu maior ápice, contando na época com 10 bandas, com estilos que variavam do *Thrash Metal* até o *Heavy Metal*, passando desde o *Pop-Rock* até o *Hardcore*. Com uma proposta de mensagem diferenciada das demais bandas da cidade, os membros do *underground* cristão campinense buscavam uma conscientização dos jovens sob os males que uma vida desordenada poderia trazer, conforme afirma **R.A.**

Sem a mensagem positiva e por um fim a rebeldia, acredito que não adiantaria em nada haver a execução de músicas para o crescimento de quem as ouve. A intenção das bandas cristãs ao produzirem suas mensagens é conscientizar principalmente o jovem do estrago que pode fazer a sua vida através do consumo de drogas e total rebeldia contra a maioria da sociedade. (R.A., 2010).

Por motivos variados, em 2008, os membros da *Alternative* Produções decidem encerrar as atividades. De acordo com **T.R.L.**, "*Organizamos alguns shows, uns muito bons (trouxemos bandas de outras cidades), outros nem tanto (pouco público), mas no final de tudo, acho que ficamos com o saldo positivo*" (T.R.L., 2010).

A criação da *Alternative* Produções e seus respectivos *shows* renderam resultados significativos, uma vez que estes atos deram maior visibilidade para as bandas da cidade, e ao mesmo tempo, gerou uma ampliação do referencial

identitário para os jovens cristãos da cidade. No tocante aos frutos dessa ação elucidamos a memória de **R.A.**

Os momentos que mais me marcavam eram aqueles nos quais eu podia ver pessoas cantando as nossas músicas e começando a mudar seus atos pessoais através das nossas composições [...] me recordo de vários jovens que deixaram o alcoolismo e as drogas de lado, para darem sentido as suas vidas através de atitudes semelhantes as de Jesus. Os grandes frutos foram ver pessoas tendo seus modos de vida transformados através da ação do amor de Deus (R.A., 2010).

Ilustramos como fato de maior relevância para as bandas da cidade, o ocorrido com a banda *Adiastasia*, que no ano de 2010 assinou contrato com uma produtora dos Estados Unidos, a *Bombwork Records*²⁹, e teve seu álbum *Life War* (Guerra da Vida), originalmente gravado em 2006, regravado e lançado na Europa e Estados Unidos através deste selo.

²⁹ Gravadora oriunda dos Estados Unidos, fundada em 2004. É especializada em descobrir novos talentos que vão desde o *Black Metal*, *Death Metal*, *Thrash Metal*, *Gothic Metal* e *Power Metal*, tem sua distribuição voltada para a América do Norte e o lado ocidental da Europa.

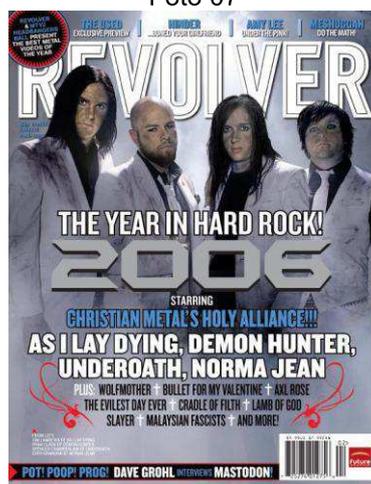
3. REPRESENTAÇÕES, ESTILOS E PRÁTICAS DO *ROCK UNDEGROUND* ENTRE JOVENS CRISTÃOS NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB.

3.1. O *Rock Cristão* em foco na cidade de Campina Grande – PB.

Recentemente o *Rock Cristão* vem ganhando notoriedade dentro das diversas formas de mídia, seja no *underground*, ou no *mainstream*, cujo sentido está associado às artes em geral e se refere ao pensamento corrente da maioria da população. Apesar deste estilo não se configurar em um fenômeno novo, conforme relatado nos capítulos anteriores, várias pessoas ainda costumam olhar com descrédito para este, devido a sua proposta tanto sonora quanto lírica.

Na edição de retrospectiva de 2006 da revista *Revolver Magazine*³⁰ o metal cristão foi eleito o fenômeno do ano. O editor chefe, Tom Beaujour, entrevistou os líderes das bandas, *As I Lay Dying*, *Demon Hunter*, *Underoath* e *Norma Jean*³¹, como capa da edição. Estas bandas são conhecidas do público que gosta de *rock/metal* nos Estados Unidos, independente da escolha religiosa. Abaixo podemos ver a capa da revista:

Foto 07



Capa da edição de retrospectiva do ano 2006 da *Revolver Magazine*, onde pode ser lido “O ano de 2006 com o *Rock Pesado*, estreando: A Aliança sagrada do Metal Cristão”

Fonte: www.revolvermag.com, acesso em 17/11/2010

³⁰ Revista norte americana de distribuição mensal, voltada para as culturas do meio *Hard Rock*, *Heavy Metal* e *Punk*.

³¹ Bandas de *Metalcore*, *New Metal*, *Post-Hardcore* e *Metalcore*, respectivamente.

Além dessas bandas, a revista focou nas gravadoras que têm em seu *cast*³² bandas cristãs, como a *Tooth and Nail Records*. Outro exemplo é a edição número 15, referente aos meses de outubro/novembro da Revista *Horns Up*³³, que estampa nas páginas principais uma entrevista com a banda estadunidense *The Devil Wears Prada*³⁴, a respeito do seu novo álbum, recentemente lançado.

Foto 08



Capa da edição número 15 da revista *Horns Up*
 Fonte: www.hornsup.net, acesso em 17/11/2010

Conforme foi mencionado anteriormente, a cena *underground* cristã na cidade de Campina Grande surgiu no início dos anos 2000, tendo como precursoras duas bandas, Refúgio e *Red Sea*. Este fenômeno juvenil ampliou os horizontes dos jovens que professam a fé cristã na cidade, ressignificando seu contato com o Sagrado e modificando seus valores.

Apesar de ter um tempo considerável longo, 10 anos, os membros da cena alternativa nunca obtiveram nenhuma forma de apoio por parte das igrejas tradicionais, ao contrário, os principais líderes destas denominações enfatizam, sempre que podem em palestras e cultos, o caráter “maligno” e “satânico” que o *rock* e suas vertentes carregam e repudiam toda e qualquer

³² Ver glossário.

³³ Revista *online* de divulgação luso-brasileira, especializada nas cenas *Metal* e *Hardcore* do Brasil e da Europa.

³⁴ Banda cristã de *Metalcore*.

forma de manifestação cultural referente a este estilo, que se faça presente no âmbito de suas igrejas.

A negação ao *rock* não é uma característica singular à cidade de Campina Grande, nem é recente. Esta ocorre desde o surgimento desse estilo no final dos anos 60 e começo dos anos 70, e é quase unânime em todo o território nacional, conforme afirma Cardoso

A negação das culturas juvenis alternativas pelos evangélicos brasileiros durante este vasto tempo (anos 70 até 90) foi consequência da ação movida pelos atores religiosos influentes - pastores, presbíteros, membros leigos moralistas - etc. que visava não deixar (e em muitas igrejas, ainda não deixam!) os membros ouvirem as musicalidade que surgiam a toda hora nas cenas musicais seculares. A visão advogada pelos líderes religiosos era que esses "camaleões da noite", esses jovens rebeldes sem causa, jamais poderiam se adaptar aos padrões do cristianismo correto. Se quisessem se converter, teriam que abandonar a contracultura e as músicas que ouviam nos tempos de perdição. (CARDOSO, S/A, p. 7)

Devido à adoção da simbologia satânica atribuída ao *rock* e disseminada através do discurso de Raul Seixas, as práticas juvenis que dizem respeito à união do cristianismo ao *rock* e suas vertentes passaram a ser estigmatizadas por aqueles que estavam acostumados aos moldes tradicionais e não conseguiam enxergar, dentro do contexto em que se encontravam inseridos, como isso não desrespeitaria as questões religiosas, bem como os preceitos propagados, no caso, pelos líderes das igrejas evangélicas.

Para a compreensão do conceito de Estigma nos apoiaremos em Goffman (2008), o qual o define como

Um atributo profundamente depreciativo [...], na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é em si mesmo, nem honroso nem desonroso (GOFFMAN, 2008, p. 13).

Fato que levou os líderes religiosos a desempenhar uma verdadeira cruzada³⁵ contra este estilo no meio cristão tradicional, e cuja perseguição não se fez presente com outros ritmos musicais, como pode ser visto, através da

³⁵ No sentido de lutar contra o mal, da mesma forma que os cristãos da idade média pensavam estar quando lutaram contra os muçulmanos.

atuação de grupos de pagode dentro das igrejas, também compostos por jovens, contando inclusive com o apoio das lideranças.

Os “ataques” dirigidos ao *rock* (cristão ou não) em Campina Grande não atingem apenas o estilo em si, vários sujeitos que buscavam nas igrejas um lugar de paz, almejando serem aceitos, encontraram neste local somente rejeição, e em alguns casos foram até desrespeitados, conforme afirma **R.F.C.**

Quantas vezes vi amigos meus desejarem “a Paz do Senhor” dentro da igreja [...] “Dou Paz para quem tem Paz”. Só porque o cara tem tatuagem ele não tem paz? Diversas vezes coisas como essa aconteceram [...] E isso me entristece muito, né? Já que eu respeito ele, desejo ser respeitado. (R.F.C., 2010).

Essas formas de preconceito não aconteceram somente no meio das igrejas cristãs, pessoas do meio *underground* secular também não apoiaram essa proposta. A banda Refúgio já foi alvo de ataques por parte de extremistas que não enxergam ligação entre *rock* e cristianismo. No ano de 2006, durante uma apresentação da banda no Festival de Inverno – ocorrido na Praça da Bandeira, algumas pessoas foram para a frente do palco e começaram a hostilizar os membros e fazer gestos obscenos quando descobriram que a banda presente adotava e propagava uma ideologia cristã, até mesmo, retiraram o cabo da guitarra para que a banda ficasse impossibilitada de tocar.

As dificuldades encontradas pelos jovens cristãos que optam pelo modo de vida *underground*, também são refletidas nas suas letras, como podemos verificar na banda *White Flag*, que fala abertamente dessas dificuldades na música, “*Feridas*”, gravada em 2005, para o álbum *Single*.

Pai, já não dá mais pra aguentar / Se ligue para me ajudar / Pois sozinho eu estou a te esperar aqui / Eu não consigo nem falar / O que tenho que aguentar / Pois só tenho o que faz ânimo para prosseguir
(*White Flag, Single*, 2005)

Nessa letra podemos perceber dois fatores: o primeiro aborda a questão do preconceito, quando na letra é ressaltada, “*Eu não consigo nem falar o que tenho que aguentar*”, no tocante a relação dos jovens com os membros tradicionais das igrejas e os sujeitos que se fazem presente no *underground* secular. O segundo ponto que merece destaque é a questão da resignificação do contato do jovem com o Sagrado, quando ele faz uso de sua linguagem

cotidiana para se comunicar com Deus: “*Pai, já não dá mais pra aguentar, se ligue para me ajudar*”. Esse fator aproxima a linguagem aos jovens – já que é feito de “jovens para jovens”, torna-se atraente e facilita o diálogo entre tais sujeitos sociais, podendo ser enquadrado assim no conceito de “Evangelho Tribal”, conforme afirma Cardoso

Esse evangelho tribal, orientado para levar a Palavra de Cristo aos grupos marginalizados e invisíveis social culturalmente, está permanentemente antenado nas transformações musicais, culturais, da moda, etc, em curso nas sociedades urbanas modernas. (CARDOSO, S/A, p.6)

Mediante as dificuldades que os jovens deste *underground* cristão na cidade de Campina Grande passam constantemente, percebemos que a proposta destes não foi de segregar nem de ser mais um grupo juvenil das igrejas, pois se isso acontecesse estes se tornariam um “*gueto cristão*” (T.R.L., 2010). A diversidade de estilos e gostos musicais era notória nos seus *shows*, uma vez que o público que comparecia aos *shows* eram tanto cristãos quanto seculares (não cristãos). Sendo possível, inclusive, perceber no recinto, pessoas lado a lado trajando camisas tanto do *Mortification*³⁶ quanto do *Venom*³⁷.

Essa relação entre os sujeitos cristãos e não cristãos e a falta de “pressão” para que estes se convertam, facilita a recepção da proposta do grupo por parte dos jovens, tornando-os “curiosos” com o trabalho daqueles.

Uma das características notáveis do fenômeno contracultural evangélico está na forte ligação que boa parte destes grupos mantém entre si. Assim sendo, forjam uma rede cultural que mobiliza centenas de adeptos para a ida aos encontros, atraindo não apenas *undergrounds* cristãos, mas também seculares (não-evangélicos) e evangélicos dos mais tradicionais, ansiosos e curiosos por conhecerem o trabalho evangelístico de missões urbanas. (CARDOSO, S/A, p.9)

No apogeu do *underground* cristão na cidade de Campina Grande, com a ação da *Alternative* Produções em plena efervescência, fazendo com que o intervalo de *shows* não ultrapassasse o período de três meses, a cena da

³⁶ Banda cristã australiana que toca *Thrash Metal*, responsável por difundir o metal extremo cristão.

³⁷ Criadores do *Black Metal* (Metal Negro) usam do satanismo explícito em suas letras para chocar a sociedade.

cidade chegou a ter dez bandas no seu total. Os estilos podem ser vistos no gráfico a seguir:



Fonte: Pesquisa realizada em campo (2010).

A variação de estilos era considerável, apesar de manterem um “tronco” em comum, o *Rock*. Este fato deu a possibilidade aos jovens de uma identificação mais específica com a proposta sonora da banda, já que salvo algumas diferenças, como adoção do proselitismo por parte de algumas bandas, a proposta lírica e ideológica era sempre a mesma, calcada no cristianismo.

Dentro desse contexto, podemos ressaltar os estudos de HALL (2005) quando este disserta acerca do caráter pós-moderno que a identidade vem adquirindo, onde as pessoas buscam cada vez mais um referencial a seguir e acabam por se reconhecer nos outros, neste caso, com as bandas, quando estas possibilitam a coexistência do *rock* com o cristianismo. Nesse sentido a identidade

[...] surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (HALL, 2005, p. 39).

Ponderamos então que o surgimento de uma cena *underground* proposta por membros e bandas cristãs na cidade, contribuiu de forma significativa para a reelaboração da identidade no que diz respeito ao “ser

cristão” do jovem campinense, alterando o caráter de identidade imposta (BAUMAN, 2004) pelos membros das igrejas tradicionais, que almejam o “padrão” das respectivas igrejas, fechando os olhos para a gama cultural que os cerca, refletido nos estilos musicais produzidos no âmbito secular.

Conforme relatos de **R.A.**

Muitos jovens, na grande maioria, freqüentam e se tornam membros de igrejas onde são aceitos por seus estilos diferentes da maioria da sociedade, em igrejas onde o preconceito, principalmente em relação a aparência são de menor intensidade (R.A., 2010).

Dessa forma entendemos que tal ressignificação no campo do Sagrado, agrega-se a ótica de sujeito pós-moderno proposto por Hall (2001), uma vez que os sujeitos podem transitar entre identidades diversas sem anular a anterior. Com isso vemos que o gosto pelo *rock*, bem como as suas vertentes, não se desvinculou dos anseios ligados ao cristianismo, mas sim passou a adquirir diferentes conotações no meio *underground* campinense.

3.2 A redescoberta da tatuagem pelos jovens cristãos

Em nossa sociedade ocidental a tatuagem sempre foi considerada uma prática marginal, sendo associada à bandidagem e a outros adjetivos depreciativos. Este fato deriva-se da sua popularização no ocidente que aconteceu por parte de marinheiros, prostitutas e piratas (PAREDES, 2003, p. 10).

Esta relação ganhou força no Brasil quando a tatuagem passou a servir como identificação por parte de grupos criminosos nas cadeias, facilitando o reconhecimento dos presos entre si, além de seus crimes, traçando assim no corpo um histórico da sua vida criminosa, ou seja, a causa que levou aquele indivíduo a cumprir determinada pena. De acordo com PAREDES (2003)

Muitas pessoas tatuadas costumam sofrer preconceito. Isso se deve principalmente às tatuagens que estampam, nos presidiários, crimes, hierarquias de organizações criminosas. Nos presídios, as tatuagens vão muito além do puro prazer da estética (PAREDES, 2003, p.14).

Segundo FOUCAULT (2009) em determinada temporalidade, ou seja, período histórico, o corpo serviu como palco de punições físicas e ainda hoje é

investido de relações de força como pode ser observado através das conexões existentes entre os presidiários. Entretanto com a emergência de estudos e novos modos de teçar o olhar sobre o corpo, a tatuagem passou a ser dotada de novos valores, mas mesmo assim os adeptos dessa prática continuaram sendo estigmatizados e por vezes repreendidos por aqueles que não conseguem compreender as representações que os símbolos presentes nas tatuagens transmitem.

No meio religioso não é diferente. Cristãos tradicionais utilizam como base o versículo 28 da bíblia presente no livro de Levítico, capítulo 19, que diz “*Pelos mortos não ferireis a vossa carne; nem fareis marca nenhuma sobre vós. Eu sou o SENHOR.*” (Bíblia Sagrada, 1993, p. 113), fundamentando assim a proibição de não marcar o corpo sob pretexto algum, fazendo com que a ideologia também se faça presente nesta relação de força, Foucault ao abordar o sentido do corpo no contexto do social enfatiza que

O Corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais (FOUCAULT, 1999, p. 29).

Aqueles que optam por ostentar uma tatuagem, automaticamente adquirem no seu corpo um estigma, uma vez que tais adeptos, ao buscarem se diferenciar dos demais através desta técnica tornam-se vítimas do seu próprio desejo, já que na maioria das vezes são incompreendidos e transformam-se em alvos do preconceito. Como afirma FONSECA (2003)

[...] o estigma na tatuagem é algo voluntário, porque a pessoa não nasce com ela, nem é induzido socialmente a fazê-la, é uma decisão própria que se realiza como uma opção de vida, e em tal sentido, cobra uma dimensão que singulariza essa prática (FONSECA, 2003, p. 19).

Compreendemos que o universo da tatuagem é seletivo e exclusivo, configurando-se em “*um mundo cuja atmosfera [...] carregada de simbolismo, de performances, de efeitos visuais e de exaltações da corporalidade*”. (FONSECA, 2003, p. 12). Ou seja, aqueles que “marcam” o seu corpo com as tatuagens não o faz pelo simples fato de se inserir em determinado grupo ou

gostar do desenho, mas sim porque ela passa a representar a sua ideologia, o seu modo de vida e no caso do meio *underground* cristão a sua fé que se torna visível para os demais.

A partir desse contexto compreendemos que a apropriação da tatuagem e sua ressignificação por parte dos jovens cristãos que participam da cena *underground* da cidade de Campina Grande, passou a servir como mais um pretexto em relação ao preconceito que os evangélicos tradicionais exercem para com estes. Uma vez que esta, a tatuagem, sempre foi mal vista por estes e associada a um estilo de vida profano, sem nenhuma ligação com o conceito de “santidade”, enquanto seguidores assíduos dos dogmas religiosos, pregado por estes.

Resultante do caráter globalizante de nossas sociedades líquidas (BAUMAN, 2004), os referentes culturais se expandiram de uma forma jamais vista outrora. Costumes locais passaram a ser cada vez menos ‘singulares’, ou seja, uma prática que se faz presente na sociedade de Quebec, no Canadá, por exemplo, possivelmente também se fará presente em determinada cidade brasileira, como é o caso de Campina Grande e do uso das tatuagens que teve seus primeiros indícios no Egito e na Polinésia (FONSECA, 2010, p. 99) e a *posteriori* se difundiu pelo mundo.

Apesar desse contato com culturas distintas, a tatuagem continua sendo um “Estigma Social” (FONSECA, 2003, p. 15). Em Campina Grande, mesmo com a propagação desta prática – na cidade, nos últimos 10 anos o número de estúdios especializados em tatuagem e *body piercing*³⁸ vem crescendo significativamente, seus adeptos continuam sendo alvo de preconceito pela sociedade. Não raramente esta relação de poder, presente no corpo dos tatuados, obriga-os a “cobrirem a parte tatuada” dependendo do cargo que venham a ocupar, isso quando já não são dispensados da vaga de emprego somente pelo fato de possuírem tatuagem.

No âmbito religioso, onde as tradições (CERTEAU, 2009) adquirem uma força extraordinária, a relação de força e o estigma se tornam mais intensos, já

³⁸ Modificação corporal através do uso de *piercings*, alargadores, *scars* (o “corte” na pele através de objetos dilacerantes, no intuito de marcá-lo), dentre outras práticas que envolvem o mundo da *body modification* (modificação corporal).

que as tatuagens são repudiadas pela maioria das igrejas tradicionais, e conseqüentemente pelos seus líderes e membros, tendo em vista os preceitos bíblicos. Percebemos que no lócus da pesquisa a forma mais direta de representação do sagrado constitui-se na escrita do nome Jesus, conforme pode ser percebida nos dois exemplos abaixo.

No braço do entrevistado a seguir, **V.H.**, no qual o nome Jesus está envolto por uma estrela, que por sua vez encontra-se rodeada de flores, podemos perceber a ressignificação das tatuagens dentro do meio cristão. Para ele esta passou a ser não apenas uma marca em seu corpo, mas sim, uma forma de difundir e de mostrar as outras pessoas a sua fé. De acordo com o mesmo, *“o significado é, ‘JESUS me trouxe vida’, é por isso que as flores crescem em direção a palavra JESUS, a vida vem d’Ele e volta pra Ele, em forma de louvor, adoração e gratidão”* (**V.H.**, 2010).

Foto 09



Tatuagem localizada no braço esquerdo de V.H.
Fonte: Pesquisa realizada em campo (2010)

A assimilação de elementos das culturas *undergrounds* também se faz presente no corpo dos jovens que vivenciam as práticas cristãs. Dentro desse contexto o nome “Jesus” continuou sendo aludido, dessa vez associado a outro elemento, o grafite, arte eminentemente urbana e contracultural, na maioria das

vezes repreendida e associada a um caráter de marginalidade e exclusão. Conforme percebemos na tatuagem abaixo:

Foto 10



Tatuagem localizada na perna direita de T.S.
Fonte: Pesquisa realizada em campo (2010)

Na tatuagem localizada na perna direita de **T.S.**, percebemos a utilização de elementos da cultura *Hip Hop* – o grafite (que se constitui na representação gráfica/visual deste estilo), assimilados, de forma quase que simbiótica, com a fé cristã.

Outro fator referenciado é quanto ao estilo de vida pregado pelos membros do *underground* cristão, os quais se mantêm livre do consumo de drogas lícitas e ilícitas.

Conforme pode ser percebido na imagem a seguir:

Foto 11



Tatuagem localizada nas costas de R.A.

Fonte: Pesquisa realizada em campo (2010)

Nestas tatuagens, percebemos o poder simbólico (BOURDIER, 2006) que as representações de símbolos voltados ao cristianismo exercem nos jovens que ressignificam seus corpos. Buscando assim, transformá-los em instrumentos de fé, divulgando sua crença de forma estética, para todos aqueles que visualizem os desenhos.

Destacamos dois fatos relevantes para compreensão do poder simbólico que a tatuagem exerce na vida dos jovens participantes do *underground* cristão campinense: o primeiro refere-se ao fato de que a maioria dos jovens entrevistados só tatuou seus corpos depois de convertidos ao cristianismo, confirmando, assim, o conceito de redescoberta da tatuagem que propomos no início deste capítulo. E o segundo diz respeito a jovens que já possuíam tatuagens, desprovidas de contexto religioso/cristão, antes da conversão, e depois de convertidos, adentrando ao *underground*, ampliaram o número de tatuagens no corpo, dessa vez tomando como norte do desenho, um contexto de representação do Sagrado.

Buscamos aqui compreender o porquê desta ressignificação do corpo, esta nova forma de contato com o Sagrado, já que estes sujeitos ostentam em seus corpos símbolos que trazem em si significados religiosos, transformando o corpo em um “testemunho” de sua fé pessoal.

3.3 A atuação da igreja Bola de Neve no *underground* campinense

A cidade de Campina Grande já presenciou o surgimento de Ministérios Alternativos/*Undergrounds*, que tem por objetivo agregar pessoas excluídas das igrejas, como é o caso do Ministério *Kainós* e a comunidade Nahbi. Porém a Igreja Bola de Neve configura-se de suma importância para compreendermos este fenômeno cultural juvenil na cidade, pois a partir da implantação de uma congregação desta na cidade, fato que ocorreu em 2008, boa parte dos jovens que participam da cena *underground* passaram a ser acolhidos. A seguir visualizamos o logotipo da Bola de Neve:

Foto 12

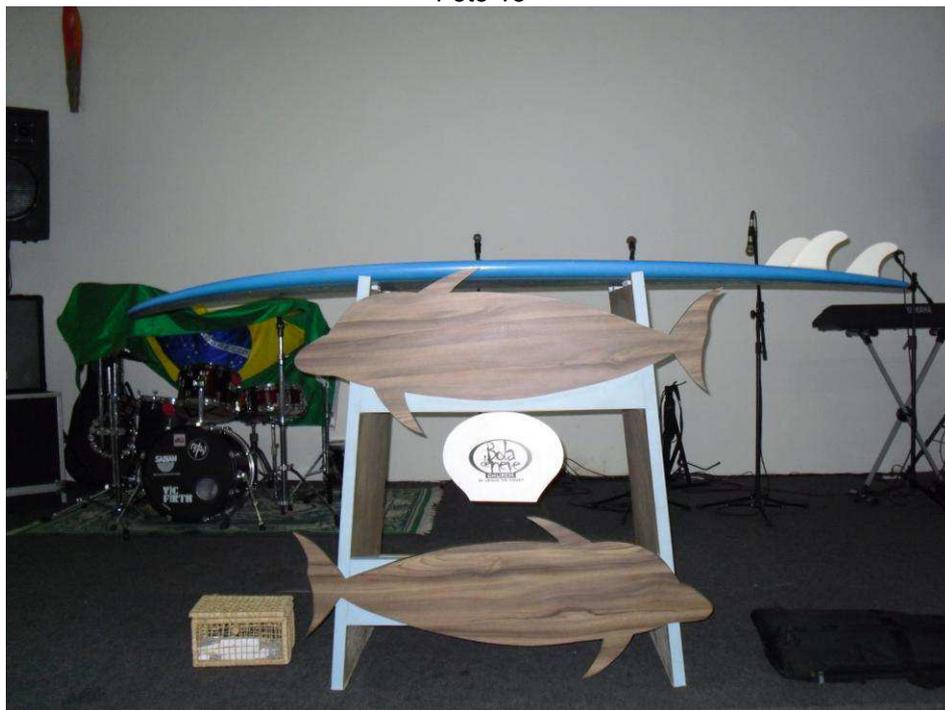


Igreja Bola de Neve – Em Jesus nós confiamos
Fonte: www.boladenevechurch.com.br, acesso em 17/11/2010

A Igreja Bola de Neve surgiu em 1993. Na época não tinha se constituído como igreja era apenas “uma reunião descompromissada”, sendo guiada pelo Apóstolo Rina, que depois de ser acometido de uma hepatite, dores muito fortes e uma experiência pessoal com Deus, segundo relatos do mesmo, resolveu expor sua vivência para aqueles que desejassem ouvir a Palavra de Deus.

As reuniões começaram a se tornar constantes. Dessa forma foi preciso criar um nome que os diferenciasses dentre as demais, surge então a ideia de Bola de Neve, “começando pequenininha, vira uma avalanche”. Sem local para apoiar a bíblia, já que os cultos, inicialmente, eram realizados nos fundos de uma loja de equipamentos de *surf*, o Apóstolo Rina utilizou uma prancha *longboard* como púlpito, nascia assim, a marca registrada da igreja.

Foto 13



Púlpito da Igreja Bola de Neve localizada em Campina Grande
Fonte: Pesquisa realizada em campo (2010)

Esta bola de neve foi então “rolando e cumprindo seu papel”. Três anos depois, em 1999, após algumas mudanças, nascia a Igreja Evangélica Bola de Neve ou Bola de Neve *Church*.

A História da Igreja Bola de Neve em Campina Grande teve início em julho de 2008, quando o Pastor Ronaldo e sua família foram encarregados de abrir uma congregação na cidade. A primeira reunião aconteceu em 12 de Setembro, em uma pizzaria localizada próxima ao Açude Velho. Devido a mudança de local da pizzaria, as reuniões passaram a ocorrer no Colégio *Teen Site*, sendo posteriormente transferidas para a garagem de uma casa, no bairro do Jardim Paulistano. As reuniões ocorreram nesta garagem durante o período de seis meses.

Esse período acarretou em um crescimento no número de membros, sendo necessário um local maior que comportasse a todos. Essa necessidade foi suprida quando a Bola de Neve de São Paulo alugou um prédio para que fosse estabelecido o templo da Bola de Neve de Campina Grande, o local escolhido foi a Av. Professor Almeida Barreto, em frente ao supermercado

Hiper Bompreço. Começava então uma nova transformação no cotidiano da cidade de Campina Grande.

Dentre os fatores que fizeram com que os jovens aderissem a Bola de Neve está a irreverência do pastor, sendo perceptível pelo seu modo de conduzir o culto. Não são raras as vezes que durante a pregação o pastor fala “*pô cara!*” ou “*tá ligado?*”, tal modo de se expressar aproxima o jovem da mensagem que é pretendida ser passada por este, facilitando o diálogo e a compreensão do que está sendo dito.

A igreja não se detém apenas à prática religiosa, mas leva os seus membros a propagarem os preceitos religiosos dentro de projetos sociais, durante pelo menos dois dias da semana, com aulas de reforço escolar, nas quais são ensinadas as crianças também mandamentos como não roubar, não matar, obedecer aos pais, etc. e aulas de música. Nesse sentido é perceptível que a união do estilo/modo de vida *rock'n'roll* não está, necessariamente, ligado a uma forma mundana e/ou profana como afirmara Raul Seixas em seu discurso.

Além dessas práticas, a igreja organiza reuniões que ocorrem toda segunda feira, tendo como propósito ajudar pessoas que são dependentes de drogas lícitas e ilícitas, bem como dos codependentes, ou seja, aqueles que convivem com o drama gerado pelo uso do álcool ou de entorpecentes. Também a o incentivo quanto ao esporte, com aulas de *Jiu-Jitsu*, que ocorrem durante três dias da semana, facilitando assim o acesso de jovens à prática do esporte e fortalecendo o corpo e a alma (espiritualmente), já que antes de qualquer coisa, sempre são colocados em pauta discursos religiosos.

Percebemos que o intuito da Bola de Neve é recepcionar todo e qualquer tipo de jovem, independente de estilo musical, corte de cabelo ou posição ideológica estando sempre pautada no binômio religião/*rock'n'roll*. Para atrair os jovens à igreja, a Bola de Neve realiza eventos, intitulados “Bola Core” (Bola de Neve + *Hardcore*) contando com a participação de bandas de *Rock/Hardcore/Metal* tanto da cidade de Campina Grande como das regiões circunvizinhas.

O primeiro evento do “Bola Core” aconteceu no dia 14 de novembro de 2009, modificando assim as práticas de representação (CHARTIER) de igrejas cristãs no âmbito da cidade, uma vez que outrora, nenhuma igreja abriu suas portas para que várias pessoas pudessem entrar e se divertir ao som de bandas de *Metal* e *Hardcore*. Abaixo podemos ver o *flyer* desse evento:

Foto 14



| Bola Core

Fonte: www.ajundergod.blogspot.com.br, acesso em 17/11/2010

Essa recepção calorosa facilitou o diálogo entre os sujeitos sociais que se sentiam bem acolhidos na igreja e, não raramente, voltavam para esta com o intuito de manter a rede de sociabilidade e conhecer mais da fé pregada por estes.

Esses eventos servem para fortalecer a cena *underground* cristã da cidade, já que ao final da *Alternative* produções nenhum evento que ligasse o cristianismo e o *rock'n'roll* vinha sendo realizado, dessa forma os jovens sentiam-se sem acolhimento e acabavam por abandonar esse estilo de vida, entregando-se ao “mundo”. Geralmente esses *shows* têm como objetivo, além de reunir novas práticas juvenis, arrecadar dinheiro para ser revertido em projetos sociais. Nesse contexto é cobrado R\$1,00 ou 1quilo de alimento para o público, fazendo com que qualquer pessoa possa participar.

A recepção do primeiro evento “Bola Core” foi significativa, tanto que a igreja decidiu, em menos de um mês, organizar o segundo evento. Este

aconteceu no dia 26 de dezembro de 2009, e contou com a participação de duas bandas da cidade de João Pessoa – *Haderek* e *O Alvo*, e uma de Campina Grande – *The Last Day 7*.

Foto 15



Il Bola Core

Fonte: www.ajundergod.blogspot.com.br, acesso em 17/11/2010

Vale ressaltar a reação adotada pelas pessoas que passam em frente a igreja nos dias de *Bola Core*. Devido ao som do *Rock* que é emanado e do grande agito na igreja, muitas vezes há uma confusão se realmente o que está ocorrendo é um evento religioso ou o que comumente se chama “inferninho”. Isso dá, em grande parte, pela difusão da *Bola de Neve* na cidade que faz com que as pessoas, dotadas de preconceito com relação ao propósito da igreja, bem como com o público que esta recebe, associem toda e qualquer manifestação cultural juvenil desenvolvida por esta a um caráter profano e não cristão.

Confirmando nossa afirmação, **R.A.** elucida: “*Hoje em Campina Grande, só existe a aceitação de bandas undergrounds na Igreja Bola de Neve.*” (**R.A.**, 2010). Por ter uma proposta de abordagem juvenil, que diverge das demais igrejas cristãs da cidade, a *Bola de Neve* frequentemente é alvo de interpretações errôneas sobre suas práticas, seja por parte de membros de outras denominações cristãs ou por pessoas não envolvidas em qualquer meio religioso.

Ao ser questionado sobre a ação da Bola de Neve em Campina Grande, T.R.L. afirma

[...] sinto que finalmente os jovens que se achavam “estranhos” por seus gostos pessoais, tem um lugar em que se sentirão acolhidos e receberão assistência espiritual, física e afetiva o que é de extrema importância (T.R.L., 2010).

Para exemplificar a afirmação supracitada, nos apoiaremos nos estudos de Lima (2010), onde este afirma o caráter acolhedor destas instituições e a constante busca de jovens inconformados e que se sentem incompreendidos pelos seus atos

A Comunidade S8 constituiu-se, a partir do Dr. Geremias de Mattos Fontes, que cedeu sua casa para acolher pessoas com problemas relacionados ao uso das drogas, pessoas que se sentiam desconfortáveis com a vida que viviam e se sentiam marginalizadas pela sociedade e sem direção. [...] Assim, adolescentes começaram a aparecer neste local onde se realizavam reuniões com muita música e estudos bíblicos, lanches comunitários, jogos de vôlei, atendimentos individuais, grupos de bate-papo, tingimento de camisetas, artesanatos e etc. Os familiares dos adolescentes e jovens também chegavam para conhecer onde seus filhos estavam. E mais e mais pessoas vinham buscar um espaço onde podiam expressar seus medos, suas desilusões, sua arte, sua sensibilidade, sendo acolhidos pela Comunidade S8 (LIMA, 2010, p. 26-27).

Dessa forma percebemos que essas instituições que agem desprovidas de preconceito e tem como preceito apenas acolher a todos, independentemente da sua estética, tais quais cabelos compridos, *piercings*, tatuagens e outros adornos, e até mesmo o visual dito normal, contribuem de forma efetiva para a consolidação do meio *underground* cristão, como é o caso da Bola de Neve em Campina Grande, já que funcionam como locais de sociabilidade, onde as pessoas se sentem bem recebidas, compreendidas e acima de tudo, podem ser o que realmente são sem se preocupar em (des)agradar os demais ou abrir mão do estilo musical de sua preferência, como o *Rock*, em detrimento do agrado de Deus, pois encontram um lugar, no qual a sua fé é fortalecida e onde a única exigência feita é estar “de bem” consigo mesmo e “fazer o bem” para o próximo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho buscamos analisar o *underground* cristão campinense, bem como sua importância para o campo da Nova História Cultural, que através da crise de paradigmas se abriu a novas temáticas, como também questões diversas e lançando mão de novos modelos de análise das sociedades teve incorporado aos seus estudos conceitos diferentes dos vigentes.

A partir das entrevistas realizadas e das pesquisas de campo podemos inferir que o meio *underground* campinense constitui-se de grande relevância no cenário nacional. Este teve a sua história marcada pela presença de grandes bandas, algumas que vieram a desaparecer por motivos até então desconhecidos e outras que continuam se sobressaindo em meio às adversidades que existem no percorrer dessa caminhada.

Ao longo dessa trajetória inúmeras pessoas, cujos anseios eram de apenas poder “curtir” o *rock’n’roll* sem, no entanto, abrir mão de sua fé cristã, fizeram parte e deram voz a esse cenário estigmatizado e reprimido por uma sociedade que tende a desprezar aqueles que adotam um estilo de vida diferente do proposto pelos modelos de homogeneização.

A associação feita entre o *rock* e o maligno, consagrada com a expressão de Raul Seixas “o diabo é o pai do *rock*” foi desconstruída ao longo do presente trabalho, uma vez que o lócus da pesquisa foi norteado pelos sujeitos sociais que em suas representações associavam o *rock* com a fé cristã, e fizeram disso uma nova forma de ressignificação do contato com o Sagrado.

Este *underground* cristão teve o seu ápice através de uma produtora de eventos, a *Alternative* Produções que contava no seu cenário com dez bandas, que congregava os mais variados estilos, como *Hardcore*, *Heavy Metal*, *Power Metal*, *New Metal*, *Pop Rock* e *Thrash Metal*, e todas estas contribuíram para a construção e a solidificação do *underground* cristão campinense.

Além das práticas de representação desse movimento cultural juvenil, com as bandas de *rock*, também ressaltamos a ressignificação por parte das tatuagens que alguns dos jovens ostentam no seu corpo, aliando a esta arte os

simbolismos presentes na fé cristã, constituindo-se assim em uma redescoberta da tatuagem por parte dos jovens cristãos participantes deste meio *underground*.

Diante destes fatores, mostramos como as identidades vêm adquirindo novas formas e sentidos no decorrer dos períodos históricos, motivados, sobretudo, pelo contato com as inovações provenientes da pós-modernidade. Nesse sentido ao percebermos como os jovens no devir de seus movimentos transitam entre a esfera do sagrado e do profano, compreendemos como determinados valores, no caso, a religião, não deixaram de existir, apenas passaram a ter uma nova configuração.

E por fim nos detemos à transformação no cotidiano da cidade com a inserção da Igreja Bola de Neve, que teve como consequências a modificação na cena alternativa/*underground* campinense que havia sofrido uma baixa quando a *Alternative* Produções encerrou suas atividades, e a cena a *posteriori* voltou a ter vida e efervescência dentro do meio juvenil.

Nossa proposta foi então dar voz a este segmento outrora silenciado, devido às relações de força que se fazem presente, tanto no âmbito religioso como no *underground* secular, ressaltando a importância que esta época teve para a construção da história campinense e dos indivíduos que convivem neste espaço.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BEBIANO, Rui. *Temas e problemas da história do presente*. In: José d'Encarnação. (Org.). *A História Tal Qual se Faz*. Lisboa: Colibri, 2003, (p. 225-236).

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**: antigo e novo testamento. Revista e Atualizada no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tornaz. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BUENO. Francisca Izabel da Silva. A Importância da história oral como instrumento de inclusão da cultura negra. In: *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*, 2008, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST63/Francisca_Izabel_da_Silva_Bueno_63.pdf.> Acesso em: 17 nov. 2010.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: I. Artes de Fazer**. 16. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CHACON, Paulo. **O que é Rock**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Portugal: DIFEL, 2002.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: Memória, identidade e representação**. Bauru: EDUSC, 2002, (p. 111-136).

FONSECA, Andrea Lissett Perez. *Tatuar e ser Tatuado “Etnografia da prática contemporânea da tatuagem”*. *Estúdio: Experience Art Tattoo – Florianópolis – SC – Brasil*. 2003, 151f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 1999.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada**. 4. ed. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONCALVES, José Reginaldo Santos. A Obsessão Pela Cultura. In: Marcia Paiva; Maria Ester Moreira. (Org.). *Cultura, substantivo plural*. 1. ed. Rio de Janeiro: CCBB / EDITORA 34, 1996.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LIMA, Hamul Vieira Costa. *Identidades Religiosas de jovens participantes do meio Underground cristão em Campina Grande*. 2010. 58f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2010.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude. *Revista Análise Social*, Lisboa, v. 25, n.2, p. 139-165, jul. 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>
Acesso em: 17 nov. 2010.

PAREDES, Cezinando Vieira. *A Influência e o significado das tatuagens nos presos no interior das penitenciárias*. 2003, Monografia (Especialização em Tratamento Penal e Gestão Prisional) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROBERTO, Antonio. **A Importância da História Oral**. 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/20853/1/A-Importancia-da-Historia-Oral/pagina1.html>>. Acesso em: 11 nov. 2010.

SILVA, Ailton da Costa. **A História Oral e seus atavios diversos: A importância da narrativa na construção do saber histórico**. 2010. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/47777/1/A-Historia-Oral-e-seus-atavios-diversos-A-importancia-da-narrativa-na-construcao-do-saber-historico--/pagina1.html>. Acesso em: 11 nov. 2010.

SIMIAND, François. **Método histórico e ciência social**. Tradução de José Leonardo do Nascimento. São Paulo: EDUSC, 2003.

SOFIATI, Flávio Munhoz. *A Juventude no Brasil: História e Organização*. In: *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005

VASCONCELLOS, Victor Maurício Barbosa. Cenários metálicos: um estudo sobre a espacialidade do Heavy Metal no Rio de Janeiro. In: II Seminário Nacional do LECgeo, 2010, Recife. Anais eletrônicos... Disponível em:<<http://www.lecgeo.com.br/textos.html>> Acesso em: 17 nov. 2010.

GLOSSÁRIO

B

Black Metal: Subgênero do *Heavy Metal*, criado pela banda Venom no início dos anos 80 e herdou o nome devido ao álbum *Black Metal* (1982). Este estilo inicialmente era caracterizado por um som meio *Speed Metal* com influências *Punk* e letras voltadas para o satanismo e paganismo (mitologia nórdica), foi evoluindo para uma sonoridade mais sombria, crua e agressiva, adquirindo características próprias como o uso de *blast beats*, vocais *screams* e guitarras rápidas.

Blast Beats: É um padrão rítmico de bateria que faz uso de baquetadas rápidas alternadas. Tem seu som comumente associado ao de uma metralhadora.

Blues: É uma forma musical que se fundamenta no uso de notas tocadas ou cantadas numa frequência baixa, com fins expressivos, evitando notas da escala maior, utilizando sempre uma estrutura repetitiva. Junto ao Gospel foi o embrião do Rock.

C

Cast: Relaciona-se as bandas que fazem parte do corpo da gravadora.

D

Death Metal: Assim como o *Black Metal*, este é um subgênero do *Heavy Metal*, que surgiu contemporâneo ao mesmo e se caracteriza por vocais guturais, guitarras bem distorcidas, baixos com andamentos acelerados e também faz uso da técnica do *blast beats*.

Demo: Do inglês “*demo tape*”, em português pode ser traduzido como fita demo, caracteriza-se por uma gravação simples que uma banda faz com o intuito de “mostrar seu som” para uma gravadora.

Doom Metal: Subgênero do *Metal* que surgiu no início da década de 80 e se caracteriza pela melancolia e escuridão em suas letras, tem como precursor o clássico *Black Sabbath*.

G

Glam: Do inglês “*glamorous rock*”, é um estilo que se popularizou nos Estados Unidos na década de 70 e se caracteriza por visual andrógono, onde os adeptos usam bastante maquiagem, roupas coloridas, *glitter*, batons, saltos altos, cílios postiços, dentre outros.

Glam Metal: Nome atribuído as bandas de Metal que utilizam a estética *glam*.

Gothic Metal: Subgênero do *Heavy Metal*, que derivou do *Doom Metal*, caracteriza-se por vocais líricos e um enfoque melancólico em suas letras.

Gospel: Música criada pelos negros escravizados norte americanos que cantavam para amenizar o sofrimento nas duras jornadas de trabalho.

Grindcore: Forma de anti-música como os adeptos gostam de autodenominar, cujas características são o uso de vocais guturais quase que incompreensíveis, músicas de curta duração (raramente ultrapassam 1 minuto) e uso excessivo de *blast beats*.

H

Hard Rock: Subgênero do *rock* surgido na década de 60. Suas características condizem com o uso da distorção, solos complexos e *riffs* pesados.

Hardcore: Subgênero do *Punk* é caracterizado por bateria acelerada e canções curtas. Sua temática geralmente é voltada para temas políticos.

Heavy Metal: O *Heavy Metal* se caracteriza tradicionalmente por guitarras altas e distorcidas, ritmos enfáticos, uma levada de baixo e bateria densos e vocais vigorosos.

M

Metal: Termo genérico que engloba todos os estilos de *Metal*, desde o puro *Heavy Metal* até a forma mais extrema, como o *Death* e o *Black*.

Metal Extremo: Termo abrangente que engloba as formas mais extremas de *Metal* tais quais *Death*, *Black*, *Thrash* e *Doom*.

Metalcore: Estilo que une o *Heavy Metal* com o *Hardcore*. Tem como características marcantes o uso de distorções sujas, palhetadas de guitarra e compasso de baixo acompanhando o pedal duplo da guitarra, que leva o nome de *breakdowns*.

N

New Metal: Gênero musical desenvolvido na década de 90 que fundiu influências de diversos estilos musicais como o *Heavy Metal*. Geralmente as letras abordam a infância problemática dos membros das bandas.

P

Post-Hardcore: Este estilo pode ser caracterizado como uma evolução do *Hardcore*. É marcado pelos seus ritmos precisos e bases de guitarra altas acompanhadas por performances vocais que são frequentemente cantadas, sussurradas ou gritadas.

Pop Rock: Um subgênero do *rock* com atitudes mais calmas e menos contestadoras que o *rock'n'roll* tradicional, tem seu público alvo voltado para o *mainstream*.

Power Metal: Subgênero do *Heavy Metal* Iniciado nos anos 80 e é associado a um som épico. Tem heranças sonoras que vão desde o *Speed Metal/Thrash Metal* até influências de música erudita. Suas letras geralmente abordam a temática da fantasia.

Power Trio: Formação clássica do *rock'n'roll* que faz uso de guitarra, baixo e bateria, foi popularizado nos anos 60 com o intuito de fazer um som “sem frescura”.

Punk: Estilo musical surgido nos anos 70, que é ancorado na ética do “*do it yourself*” (faça você mesmo), utiliza constantemente do sarcasmo e ataca diretamente a cultura dominante. Geralmente tem suas letras voltadas para o niilismo e a anarquia.

R

Rock Progressivo: Estilo de *rock* que surgiu na década de 60 na Inglaterra, recebeu influências da música clássica e do *jazz*, ao contrário do *rock* estadunidense que foi fortemente influenciado pelo *blues* e pela música *country*.

Rock Secular: Na visão dos evangélicos, toda banda que não faz uso da religião cristã nas suas letras é considerada uma banda secular.

S

Scream: Técnica de vocal semelhante ao gutural, porém a diferença é que este é um som mais “rasgado” e seco.

Secular: No meio religioso o termo é designado para qualquer forma de manifestação não religiosa, ou seja, tudo que está fora do âmbito do Sagrado, é secular.

Speed Metal: Subgênero do *Heavy Metal* que foi criado na década de 70 e é considerado o progenitor do *Thrash Metal*, porém com menos influência do *Punk/Hardcore*.

T

Thrash Metal: Subgênero do *Heavy Metal* que é considerada a primeira forma de Metal Extremo, sua origem vem do final da década de 70 e o início dos anos 80, quando algumas bandas uniram o *Heavy Metal* com o *Hardcore Punk*.

APÊNDICE

Entrevista

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Profissão:

Naturalidade:

1. Com que tipo de tribo urbana você se identifica e porque optou atuar neste tipo de música?
2. Você já fez parte de alguma banda ou ministério que atuasse no meio Underground Campinense? Qual/Quais? Ainda continuam ativos?
3. Como você vê a ação dos jovens cristãos no cenário musical atualmente em Campina Grande?
4. Em se tratando da Igreja em Campina Grande, qual a atuação dela no meio Underground?
5. A inserção e atuação dos jovens na igreja, como são percebidas por você?
6. Atualmente em Campina Grande estão surgindo igrejas e ministérios alternativos, como a Bola de Neve, o Ministério Kainos entre outras? Qual sua opinião a respeito delas?
7. Sabe-se que Campina Grande é um expoente de peso nacional quando o assunto é Cultura, no cenário musical não seria diferente, qual a importância desse meio Underground com uma proposta cristã para a cidade?
8. Qual sua relação com os cristãos tidos como tradicionais, e já fosse alvo de alguma forma de preconceito? (por gostar de Rock ou ter tatuagem, cabelos grandes, brincos, etc.)
9. Para você qual o sentido e importância da mensagem que a música Underground no meio cristão evangélico passa aos jovens, uma vez que as produções do meio underground ou alternativo geralmente são associadas a drogas, niilismo e outras coisas tidas como más?
10. No Brasil ficou conhecida uma famosa frase do Raul Seixas “o diabo é o pai do rock”, você ver coerência em tal frase?
11. Você que viveu na época de ouro do cenário cristão campinense, (meados de 2000), quais foram os frutos obtidos por tal atuação?
12. Qual o momento que mais marcou você durante esse ativismo no meio?

ANEXO

Refúgio
(*Heavy Metal*)

Vale de Ossos Secos (2003)

Uma visão de morte
Um medo penetrante
Uma visão de ossos
Sem esperança de vida, sem esperança de vida

A terra se moveu
Um barulho ensurdeceu
Será que esses ossos podem ressuscitar?
Podem ressuscitar?

Salão de ossos sem esperança
É o nosso Eterno entregue ao mal
Caminhando para o inferno
Manipulado por Satanás
Marionete do demônio
E se alimenta do pecado
Seus caminhos são de morte
E no juízo vão acabar

Deus mandou profetizar
E esses mortos levantar
Deus mandou profetizar
E esses mortos levantar

Deus mandou profetizar

Deus mandou profetizar
E esses mortos levantar
Deus mandou profetizar
E esses mortos levantar

Jesus Cristo veio nos dar paz
Veio nos tirar da solidão
Jesus, veio ressuscitar
Veio dar a vida para os que estão mortos
Se quiseres vida encontrar
A Jesus tu se entregar
Se quiseres vida encontrar
A Jesus tu se entregar
Ressuscitou

Refúgio
(*Heavy Metal*)

A Marca da Dor (2003)

Uma morte estranha
O céu estrelado
Os profetas falavam de um alguém
Que iria dentre nós

E por nossos pecados iria sofrer
A marca da dor
A marca da dor
A marca da dor

O mundo se calou
O silêncio se instalou
Todos estavam perdidos
E a morte iam encontrar
Mas aquele beijo de traição
Fez com que um homem inocente
Morre-se por nós

A terra tremeu
O céu escureceu
O véu se rasgou
Todo profeta chorou
Quando pensavam "está perdido"
Ele ressuscitou

O mundo se calou
O silêncio se instalou
Todos estavam perdidos
E a morte iam encontrar
Mas aquele beijo de traição
Fez com que um homem inocente...
Morre-se por nós

A terra tremeu
O céu escureceu
O véu se rasgou
Todo profeta chorou
Quando todos pensavam "está perdido"
Ele ressuscitou

A terra tremeu
O céu escureceu
O véu se rasgou
Todo profeta chorou
Quando todos pensavam "está perdido"
Ele ressuscitou

A terra tremeu
O céu escureceu
O véu se rasgou
Todo profeta chorou
Quando todos pensavam "está perdido"
Ele ressuscitou

Saltério
(*Heavy Metal*)

A Vinda do Rei (2006)

Uma missão para contar
Palavras que diz me revelar
Os sete selos vão se abrir
Para a vinda do Rei logo surgir
Pois só um homem pode mudar
O que no mundo acontecerá
O nome dele é Jesus
Ele vai te levar para o caminho da luz

Sofreu, se humilhou
Quem Ele amava O deixou
Morreu, ressuscitou
Cordeiro Santo por amor
Sofreu, se humilhou
Quem Ele amava O deixou
Morreu, ressuscitou
Cordeiro Santo por amor

Está perto o dia final
A grande vitória do bem sobre o mal
O céu inteiro vai se abrir
Então o Cordeiro vai surgir
Todo joelho se dobrará
A vinda do Rei acontecerá
Com autoridade e poder
A vitória é do Ele vai vencer

Sofreu, se humilhou
Quem Ele amava O deixou
Morreu, ressuscitou
Cordeiro Santo por amor
Sofreu, se humilhou
Quem Ele amava O deixou
Morreu, ressuscitou
Cordeiro Santo por amor

Saltério
(*Heavy Metal*)

Único Refúgio (2006)

Espero que Tu me perdoe
Pelos meus erros
Relembro tudo aquilo que eu fiz
Magoando o meu ser
Tristezas e sofrimento
Respostas não encontrei
Busquei a Justiça do Filho de Deus
Encontrei refúgio ao meu ser

Espero que Tu me perdoe
Pelos meus erros
Relembro tudo aquilo que eu fiz
Magoando o meu ser
Tristezas e sofrimento
Respostas não encontrei
Busquei a Justiça do Filho de Deus
Encontrei refúgio ao meu ser

Ao Rei entrego, minha vida
Ao Rei declaro, meu amor
Pois por mim morreu naquela cruz

Ao Rei entrego, minha vida
Ao Rei declaro, meu amor
Pois por mim morreu naquela cruz
Naquela cruz

Espero que Tu me perdoe
Pelos meus erros
Relembro tudo aquilo que eu fiz
Magoando o meu ser
Tristezas e sofrimento
Respostas não encontrei
Busquei a Justiça do Filho de Deus
Encontrei refúgio ao meu ser

Ao Rei entrego, minha vida
Ao Rei declaro, meu amor
Pois por mim morreu naquela cruz

Ao Rei entrego, minha vida
Ao Rei declaro, meu amor
Pois por mim morreu naquela cruz
Naquela cruz

White Flag
(Hardcore)

Sem Palavras (2005)

Tentei mudar o que ficou pra trás
Pude enxergar que não é assim
Portas se abriram pra eu entrar
Pensar que isso foi tão ruim

Fatos que temem atrapalhar
Passado que insiste em querer voltar
Lembranças que tentam o meu caminhar
Tirar Tua vida de mim

Tuas palavras invadiram o meu coração
Você é a paz que eu precisava pra poder sobreviver
Você é a paz que me mudou e todo o meu modo de ser
A minha mente tá errada, modo errado de sair do ser

Mas não posso esquecer, o que passou ficou marcado
E em minha mente eu precisava de uma forma de entender
Pois só Tu tens a palavra que me concede Salvação

O Teu caminho eu vou seguir
Com Tua força eu devo caminhar
Pelos sonhos que Tu tens pra mim
Em todo momento eu vou Te adorar

Tua palavra me transformou
Teu sacrifício me libertou
O Teu chamado eu aceito por mim
Vem viver em mim

O Teu caminho eu vou seguir
Com Tua força eu devo caminhar
Pelos sonhos que Tu tens pra mim
Em todo momento eu vou Te adorar

O Teu caminho eu vou seguir
Com Tua força eu devo caminhar
Pelos sonhos que Tu tens pra mim
Em todo momento eu vou Te adorar

White Flag
(Hardcore)

Feridas (2005)

Pai, já não dá mais pra aguentar
Se ligue pra me ajudar
Pois sozinho eu estou a te esperar aqui
Eu, sendo um pobre pecador, sem caminho eu estou
E a vida é tão difícil de seguir sem Ti

Luta, desespero, solidão, vazio, medo
Invadiam o coração
Ficar sentado na sua sem pensar em nada
E deixar o tempo passar
Abri os olhos para ver que existe Deus para me ajudar
Fechar as portas para alguém que não estava nem aí
Tentar seguir um só caminho e não mudar de direção
Sara as feridas e procurar uma solução

Pai, já não dá mais pra aguentar
Se ligue para me ajudar
Pois sozinho eu estou a te esperar aqui
Eu não consigo nem falar
O que tenho que aguentar
Pois só tenho o que faz ânimo para prosseguir

A tua vida se levantará mas para mim o meu dia
Ainda que o dia esteja escuro e não se veja um amanhã
Tuas feridas passarão, as cicatrizes vão surgir
Não se preocupe, Deus cuida de você

Deus cuida de você
De você